

ângulo de  
investigação

Michael  
Connelly

foglio

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***





ângulo de  
investigação

Michael  
Connelly

foglio



© 2001, 2004, 2005, 2008 by Hieronymus, Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à

**EDITORA OBJETIVA LTDA.**

Rua Cosme Velho, 103 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: 2199-7824 – Fax.: 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original *Angle of Investigation*

Capa **Marcelo Martinez | Laboratório Secreto**

Tradução **Cássio de Arantes Leite**

Revisão **Eduardo Rosal**

Coordenação de e-book **Marcelo Xavier**

Conversão para e-book **Abreu's System**



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS,  
RJ  
C762a

Connelly, Michael-  
Ângulo de investigação [recurso eletrônico] / Michael  
Connelly ; tradução Cássio de Arantes Leite. - 1. ed. - Rio de  
Janeiro : Objetiva, 2014.  
recurso digital

Tradução de: *Angle of Investigation*  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-66384-09-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Arantes,  
Cássio. II. Título.

14-  
08929.  
813

CDD:

CDU:

CDU: 821.111(73)-3



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Queima de Natal](#)

[Dia dos Pais](#)

[Ângulo de investigação](#)

[Antes](#)

[Agora](#)



# Queima de Natal

A CASA DE PENHORES Três Reis, em Hollywood Boulevard, fora vítima de roubo em três ocasiões em um período de dois anos. Os métodos de invasão foram parecidos em todos eles e, por isso, o Departamento de Polícia de Los Angeles suspeitou de que o mesmo ladrão fosse responsável pelos três crimes. Mas o autor era cuidadoso o bastante para nunca deixar impressão digital ou qualquer outra pista de sua identidade. Nenhuma prisão foi efetuada e nenhum objeto roubado foi recuperado. Para Nikolai Servan, imigrante russo e dono da loja, só restava lamentar o sistema de justiça de seu país adotivo.

Na véspera de Natal desse ano, Servan destrancou a porta dos fundos de sua casa de penhores, entrou e notou que fora roubado pela quarta vez. Descobriu também que o ladrão continuava ali dentro. Foi esse fato que acabou levando o detetive Harry Bosch e seu parceiro, Jerry Edgar, à Três Reis.

Pouco depois das dez da manhã, os dois chegaram numa viatura que Bosch requisitara na garagem da Divisão de Hollywood. Eles sabiam que um detetive de roubos chamado Eugene Braxton já estava esperando dentro da loja com Nikolai Servan. Junto com o corpo.

— Olha só pra isso, Harry, está parecendo um belo presentão de Natal — comentou Edgar quando Bosch desligou o carro. — Só esperando a gente abrir.

Edgar tinha razão. As paredes externas da pequena loja térrea de penhores eram pintadas de vermelho-vivo. A fita amarela que fora passada na frente da cena do crime, pelos policiais de patrulha, parecia um laço natalino. Bosch não se deu ao trabalho de comentar a observação do parceiro. Desceu e fechou a porta do carro.

Bosch ficou por um momento parado na calçada examinando a fachada da loja. Ficava entre um sex shop e uma locadora de caixas postais privadas. Uma grade sanfonada de segurança fora aberta — presumivelmente por Servan, naquela manhã, após ter ligado para a polícia. Bosch ergueu o rosto para a placa na fachada, acima das vitrines de vidro grosso, e notou que a formação triangular de três bolas — o emblema internacional do penhor — fora modificado de modo a incluir uma coroa sobre cada uma.

— Bonitinho — comentou Edgar, também olhando para a placa.

— Lindo — disse Bosch. — Vamos resolver logo isso.

— Não esquenta comigo, Harry. Eu é que não empato essa parada. Hoje é véspera de Natal. Quero matar esse negócio de uma vez e chegar em casa cedo, só pra variar.

Bosch entrou na loja e atravessou a entrada, cheia de bicicletas, tacos de golfe, antiguidades e instrumentos musicais, e chegou ao balcão onde Braxton e Servan esperavam.

Braxton, que investigara os três roubos anteriores na Três Reis, chegara ali primeiro porque Servan tinha seu cartão de visitas preso com fita adesiva ao lado do telefone. Quando o dono da loja chegou para trabalhar de manhã e encontrou o ladrão morto atrás do mostruário de joias, não chamou o 911. Chamou Braxton.

— Feliz Natal, Brax — disse Bosch. — O que temos aqui?

— Ho-ho-ho, Harry — entoou Braxton. — Um ladrão a menos no mundo. E isso pra mim já é um ótimo Natal.

Bosch balançou a cabeça e olhou para Servan, sentado em um banquinho alto do outro lado do balcão. Tinha uns 50 anos, o cabelo preto escasseando no cocuruto. O sujeito já tivera muitos músculos, que agora estavam mais para flacidez. Nenhuma tatuagem visível.

— Esse é Nikolai Servan — disse Braxton. — Essa é a loja.

Bosch esticou o braço através do balcão para apertar a mão de Servan. O russo se ergueu do banquinho e sacudiram as mãos com firmeza.

— Senhor Servan, sou o detetive Bosch. Esse é o detetive Edgar.

— Nick. Senhor me chama de Nick, por favor.

Seu sotaque era pesado. Bosch supôs que estivesse no país havia poucos anos. Edgar também esticou o braço sobre o balcão para apertar sua mão.

Bosch contornou Braxton e passou para a área atrás do balcão de vidro das joias. Esparramado no chão, no espaço exíguo, estava o corpo. Um homem branco, vestido de preto dos pés à cabeça. Exceto pela mão direita. Esta estava sem luva, ao contrário da esquerda. Bosch se acorou junto ao corpo como um pegador de beisebol e examinou-o sem tocar em nada. Uma máscara tricotada de esqui cobria seu rosto. Havia aberturas para os olhos e a boca. Bosch notou que os olhos estavam abertos e os lábios, retraídos, apesar de os dentes estarem cerrados com força. Falou sem olhar para cima.

— Qual o tempo estimado pro legista e a DIC?

— Estão vindo — disse Braxton. — É só o que eu sei. Mas o trânsito está tranquilo, hoje.

A equipe do legista e a perícia vinham do centro. Bosch e Edgar se deslocaram apenas oito quadras da central onde estavam destacados.

— Você conhece esse cara, Brax?

— Não dá pra ver o suficiente pra dizer com certeza.

Bosch não falou nada. Esperou. Ele sabia que Braxton devia ter dado uma olhada rápida sob a máscara de esqui, ainda que isso violasse o protocolo da cena do crime.

— Parece um sujeito que enquadrei faz uns cinco anos, chamado Monty Kelman — disse Braxton.

Bosch balançou a cabeça.

— Atua no pedaço, imagino eu.

— Na maior do tempo. Pelo que fiquei sabendo, costumava pegar uns servicinhos fora da cidade. Ele fazia parte da turma que trabalhava para um cabeça chamado Leo Freeling. Operavam fora do Valley. Mas alguém apagou o Leo faz uns anos. Acho que o Monty andava bolando os próprios serviços, desde então.

— Ele trabalha sozinho?

— Depende do serviço.

Bosch tirou um par de luvas de látex do bolso, assoprou-as como balões e as enfiou habilmente nas mãos. Mudou de posição e tentou rolar um pouco o corpo para procurar ferimentos e a luva que faltava. Não encontrou nada, mas não queria rolar o corpo completamente senão depois que as fotos fossem tiradas e a equipe do legista tivesse inspecionado a cena.

— Então, como foi que esse cara morreu?

A pergunta era retórica, mas ele olhou para Servan quando a fez. Pareceu pegar o dono da loja de surpresa, como se o homem estivesse sendo acusado de alguma coisa. Servan abriu os braços e balançou a cabeça.

— Eu não sei isso — disse. — Eu vem para loja, destranca, ele está morto bem aí.

Bosch fez que sim e deu uma olhada pela área do balcão. Notou que Edgar não estava mais ali. Olhou para Braxton.

— Brax, por que não leva o senhor Servan até uma das radiopatrulhas enquanto a gente dá uma olhada por aqui?

Quando Braxton deixou a loja com Servan, Bosch voltou para o corpo e continuou seu exame. Ergueu a mão sem luva e a observou, tentando imaginar por que estava daquele jeito. Notou uma marca de descoloração do polegar na almofada. Uma linha amarela e amarronzada. Havia uma linha de descoloração parecida no dedo indicador. Usando as duas mãos, ele juntou o polegar e o indicador, alinhando as duas marcas. Parecia que a mão — a direita — estivera segurando uma caneta ou algum outro instrumento fino quando as marcas foram feitas.

Bosch pousou a mão cuidadosamente de volta no chão e procedeu ao exame dos pés. Removeu o sapato direito, um tênis de couro preto com sola de borracha, e tirou a meia preta. Na sola do pé, sob os dedos, havia uma descoloração circular, marrom no centro e ficando amarelada nas bordas.

— O que você tem aí, Harry?

Bosch ergueu o rosto. Era Braxton.

— Ainda não sei muito bem. Está vendo uma luva por aí? O cara perdeu uma luva.

— Aqui.

Era Edgar. Estava atrás de outro mostruário, do outro lado da loja. Bosch ficou de pé e foi até lá. Edgar se agachou e apontou para a parte debaixo do balcão envidraçado.

— Tem uma luva de couro preta embaixo do móvel. Não sei se é o par daquela, mas é uma luva.

Bosch ficou de quatro para conseguir olhar sob o mostruário. Esticou o braço e puxou a luva.

— Parece igual — disse.

— “Se a luva não serve, absolvido seja” — disse Edgar.

Bosch olhou para ele.

— Johnnie Cochran — disse Edgar. — O advogado de O. J. Simpson.

— Sei.

Bosch se levantou. Um de seus joelhos estalou com o esforço. Examinou o interior do mostruário. Continha duas prateleiras iluminadas por dentro. Nas prateleiras havia objetos aparentemente valiosos, mas não joias. Havia moedas e pequenas esculturas de jade, caixinhas de prata e de ouro, estojos de cigarro e outras peças ornamentadas e incrustadas. Artigos finos. A maioria das moedas, notou Bosch, era russa.

Bosch se afastou do balcão envidraçado e inspecionou a loja. Tirando os dois mostruários, o restante era na maior parte lixo, bens de pessoas financeiramente desesperadas dispostas a abrir mão de qualquer coisa em troca de dinheiro.

— Brax — disse Bosch. — Por onde ele entrou?

Braxton sinalizou para ele a direção dos fundos e foi na frente. Bosch e Edgar o seguiram. Deram em uma sala que era usada como escritório e depósito. Havia cascalho e outros detritos espalhados pelo chão. Todos olharam para cima. Havia um buraco grosseiramente recortado no teto. Tinha mais de meio metro de largura e através dele se avistava o céu azul.

— É telhado de material sintético — disse Braxton. — Abrir um buraco nisso é bico. Meia hora, por aí.

— Ia fazer barulho — disse Edgar. — Alguém sabe quando fecha o palácio do pornô?

— Lembro que fui verificar das outras vezes que invadiram esta loja — disse Braxton. — Fecha às

quatro, reabre às oito. Quatro horas de intervalo para agir.

— Ele entrou pelo telhado das outras três vezes? — perguntou Bosch.

Braxton balançou a cabeça.

— Usou a porta dos fundos nas duas primeiras e depois o telhado. Essa é a segunda vez pelo telhado.

— Você acha que foi o Monty das outras três?

— Não duvido. É só o que esses caras fazem. Entram sempre no mesmo lugar. Depois da segunda vez que usaram a porta dos fundos, o senhor Servan tomou umas precauções. Acrescentou um reforço de metal. Então o cara entrou pelo telhado.

— Por que este lugar tantas vezes? — perguntou Edgar.

— Um monte de imigrantes vem aqui. Russos, coreanos, de toda parte. Eles põem no prego as coisas que trouxeram do país de origem. Jade. Ouro. Moedas. Objetos pequenos e caros. Os ladrões adoram esses negócios, cara. Sabe aquele móvel onde você encontrou a luva? Está tudo ali. Foi isso que o cara veio procurar. Não sei por que ele foi parar atrás daquele mostruário de joias.

— O que foi levado das outras três vezes? — perguntou Bosch.

— Provavelmente, na média, o equivalente a quarenta, cinquenta paus de muamba, a cada vez — disse Braxton. — Em termos de loja de penhores essa aqui é top de linha. É por isso que o cara vivia voltando.

Um patrulheiro apareceu na sala dos fundos e informou aos detetives que a equipe do legista tinha chegado.

Os três detetives continuaram reunidos por um momento para discutir suas impressões iniciais e a teoria de Bosch sobre o que ocorrera com o ladrão, e para estabelecer uma estratégia para o caso. Ficou decidido que Edgar permaneceria na cena do crime e ajudaria as equipes do legista e da Divisão de Investigação Científica, caso necessário. Bosch e Braxton cuidariam de Servan e da notificação aos parentes do morto.

Assim que o investigador do legista coletou as digitais da mão exposta do ladrão, Bosch e Braxton voltaram à Hollywood Division, no centro, junto com Nikolai Servan.

Bosch escaneou as digitais no computador e as enviou ao laboratório de Parker Center. Depois conduziu uma inquirição formal e gravada de Servan. Embora o penhorista não tivesse nada de novo a acrescentar ao que lhes contara na loja, era importante para Bosch deixar o depoimento registrado.

Quando terminou a inquirição, havia um recado a sua espera, de um técnico de digitais chamado Tom Rusch. As digitais foram inseridas no sistema e batiam com as de um ex-presidiário de 39 anos chamado Montgomery George Kelman. Ele estava de condicional por roubo.

Bosch precisou de três ligações para localizar o agente da condicional de Kelman e obter o endereço e emprego atualizados do homem. Foi informado de que Kelman trabalhava no turno da manhã de um restaurante em Hillview, lavando pratos. O agente da condicional já recebera uma ligação naquela manhã do dono do restaurante, avisando que Kelman não aparecera para trabalhar nem ligara para dizer que estava doente — como os regulamentos da condicional exigiam que fosse feito. O agente pareceu feliz em descobrir que não precisaria se dar ao trabalho de preencher toda a papelada necessária para mostrar que Kelman violara a condicional.

— Feliz Natal! — disse a Bosch antes de desligar.

Depois de falar com Edgar pelo telefone e ser informado de que os técnicos forenses continuavam

trabalhando no corpo e na cena do crime, Bosch disse ao seu parceiro que o morto fora identificado como Kelman e que ele e Braxton estavam a caminho do endereço fornecido pelo agente da condicional. Disse que deixariam Nikolai Servan esperando na divisão, numa das salas de interrogatório.

O endereço de Monty Kelman era um apartamento em Los Feliz, perto de Griffith Park. Quando Bosch bateu na porta, foram atendidos por uma jovem de short e camisa de mangas compridas com gola rulê. Era magra a ponto de ser esquelética. Uma viciada óbvia. Desabou abruptamente numa posição fetal no sofá quando recebeu as más notícias sobre Monty. Enquanto Braxton tentava consolá-la e obter informação ao mesmo tempo, Bosch deu uma rápida olhada no quarto e sala. Como esperava, não havia sinal claro de que o lugar pertencia a um ladrão. Aquele apartamento era de fachada — o lugar que o agente da condicional visitava e onde Kelman mantinha a aparência de cidadão cumpridor da lei. Bosch sabia que qualquer ladrão ativo com uma condicional no pé manteria um lugar separado e secreto — um esconderijo — para suas ferramentas e muambas.

No quarto havia uma pequena mesa onde Kelman guardava seu talão de cheques e seus documentos pessoais. Bosch folheou o talão e não notou nada estranho. Viu tudo mais que havia na gaveta, mas não encontrou nenhuma pista sobre o esconderijo de Kelman. Não estava particularmente ansioso por isso. Era apenas uma ponta solta, algo que teria mais relevância para Braxton, por ser um detetive de roubos, do que para Bosch.

Quando virou para sair do quarto viu um saxofone apoiado no suporte, em um canto junto à porta. Reconheceu pelo tamanho que era um sax alto. Foi até lá e o pegou. Parecia velho, mas bem-cuidado. O latão brilhava, e o detetive viu o pano usado para o polimento na campânula do instrumento. Bosch nunca tocara saxofone, nunca nem tentara, mas aquele som era a única música que realmente conseguira fazê-lo se iluminar por dentro.

Segurou-o em suas mãos com uma sensação de reverência que raramente exibia por alguma coisa, viva ou inanimada. E por um momento sentiu-se tentado a levar a boquilha aos lábios e tentar tirar uma nota. Em vez disso, ergueu-o do modo como vira incontáveis músicos — de Art Pepper a Wayne Shorter — fazendo.

— Harry, alguma coisa aí? — disse Braxton, da sala.

Bosch foi até lá com o saxofone. A mulher agora estava sentada no sofá, os braços cruzados com força sobre o peito. Lágrimas escorriam por seu rosto. Bosch não sabia se estava chorando a perda do namorado ou da verba para os picos.

Mostrou o saxofone.

— De quem é isso?

Ela engoliu saliva antes de responder.

— É do Monty. Era.

— Ele tocava?

— Tentava. Ele curtia jazz. Vivia falando que queria fazer aula. Mas nunca fez.

Uma nova torrente de lágrimas desceu por seu rosto.

— Só pode ser muamba — disse Braxton, ignorando a mulher e se dirigindo a Bosch. — Posso verificar no computador quando a gente voltar. Nessas coisas o fabricante e o número de série ficam gravados dentro da campânula.

Apontou a abertura do instrumento.

— Aí. Eu não ficaria surpreso se tivesse saído da loja do Servan num dos roubos anteriores.

Bosch puxou pano de feltro da abertura e olhou ali dentro. Havia uma inscrição na curvatura de latão, mas não conseguiu ler. Foi até a janela e posicionou o instrumento em ângulo contra a luz do sol, iluminando-o por dentro. Olhou mais de perto e virou-o, de modo a melhorar a leitura.

CALLUMET INSTRUMENTS

CHICAGO, ILLINOIS

FEITO SOB ENCOMENDA PARA QUENTIN MCKINZIE, 1963

*THE SWEET SPOT*

Bosch leu novamente e depois uma terceira vez. Sentiu de repente como se alguém encostasse moedas quentes em suas têmporas. Uma lembrança fugaz cruzou seus pensamentos. Um músico sobre o pavilhão montado no convés do navio. Os soldados espremidos embaixo. Os que iam de cadeiras de rodas, homens sem pernas, na frente. O sujeito tocando sax, curvando o corpo, se endireitando e gingando como Sugar Ray Robinson ao sair do canto do ringue. A música bela e viva, iluminando-o por dentro. O som mais puro do que qualquer coisa que já escutara. A maldita luz no fim de todos os seus túneis.

— Meu Deus, Harry, o que diz aí?

Bosch olhou para Braxton, a lembrança retrocedendo nas trevas.

— O quê?

— Parece que você viu um fantasma escondido aí dentro. O que diz?

— Chicago. Foi feito em Chicago.

— Calumet?

— Como você sabe?

— Sou um detetive de roubos. É meu trabalho saber. Calumet é uma das grandes. Está no ramo há muito tempo. Talvez a gente consiga rastrear.

Bosch balançou a cabeça.

— Terminou aqui? — ele perguntou. — Vamos indo.

No caminho de volta para a central, Bosch deixou que Braxton dirigisse, assim podia segurar o sax e examiná-lo.

— Quanto vale um negócio desses? — perguntou depois que estavam na metade do caminho.

— Depende. Novo, coisa de milhares de dólares. Se a pessoa põe no prego, só dão umas centenas.

— Já ouviu falar de Quentin McKinzie?

Braxton balançou a cabeça.

— Acho que não.

— Era chamado de Sugar Ray McK. Porque quando ele tocava sax, balançava e gingava como o boxeador, Sugar Ray Robinson. O cara era bom. Era mais um músico de apoio, mas também gravou alguns discos. *The Sweet Spot*, você nunca ouviu essa música?

— Desculpa, cara, não sou muito chegado em jazz. Meio clichê demais, saca? Detetives e jazz. Meu negócio é country.

Bosch ficou desapontado. Queria contar ao outro sobre aquele dia no navio, mas se Braxton não gostava de jazz, não dava para explicar.

— Qual a ligação? — perguntou Braxton.

Bosch ergueu o saxofone.

— Este era dele. Está escrito aqui dentro, “Feito sob encomenda para Quentin McKinzie”. É Sugar Ray McK.

— Você já viu ele tocar?

Bosch fez que sim.

— Uma vez. Em 1969.

Braxton assobiou.

— Tempo paca. Acha que ele ainda está vivo?

— Não sei. Não andou gravando mais nada. O último disco dele que saiu foi *Man with an Ax*. Esse tem pelo menos uns dez anos. Até mais. Era uma coletânea.

Bosch olhou para o saxofone.

— De qualquer maneira, não dá pra gravar sem isso aqui, imagino.

O celular de Bosch tocou. Era Edgar.

— Harry, onde você tá?

— Voltando pra central. A gente acabou de passar no apartamento do Kelman.

— Alguma coisa?

— Na verdade, não. Uma viciada e um saxofone. O que você conseguiu?

— Pra começar, a lividez. O cara foi mudado de lugar.

— E o que o legista diz sobre a causa?

— Está concordando com a sua teoria no momento. Eletrocussão. As queimaduras na mão e no pé — por onde a eletricidade entrou e depois saiu.

— Você descobriu a fonte?

— Andei dando uma procurada. Não estou conseguindo achar.

Bosch pensou a respeito disso tudo. O livor mortis, ou lividez cadavérica, era o modo como o sangue se depositava em um corpo morto. Era uma linha de gravidade roxa. Se um corpo é movido depois que o sangue assentou, então uma nova linha de gravidade aparece. Um indicativo óbvio de que a maioria das pessoas, com exceção de quem investiga homicídios, nem sabe que existe.

— Você olhou em volta do móvel onde estava a luva?

— Olhei, claro. Não consigo encontrar nenhum ponto de eletricidade para explicar isso. O mostruário que você está falando tinha iluminação interna, mas nenhum curto nem nada assim.

Braxton entrou no estacionamento atrás da central e parou numa vaga reservada aos investigadores.

— Já fez um inventário das posses do sujeito?

— Já, e lhufas. Os bolsos estão vazios. Sem documento de identificação nem nada.

— Tudo bem, a gente tá no distrito. Deixa eu pensar um pouco e já ligo de volta.

— Como você preferir, Harry. Só quero cair fora daqui a tempo, hoje à noite, e não estou gostando da cara desse negócio.

— Eu sei, eu sei.

Bosch fechou o celular e desceu do carro com o saxofone.

— O que ele conseguiu? — perguntou Braxton.

— Não muita coisa — disse Bosch, por cima do teto do carro. — Está parecendo que o cara foi eletrocutado.

— Bem que você falou.

— Depois que a gente entrar, dá para você puxar os BOs sobre os três roubos anteriores na Três Reis?

— Deixa comigo. E quanto ao Servan?

— Vou falar com ele, mas prefiro que continue por aqui mais um tempinho.

Entraram na central e seguiram para a divisão dos detetives, onde se separaram, Braxton se dirigindo às baias da divisão de roubos para pegar os boletins de ocorrência e Bosch ao corredor do fundo, que levava às salas de interrogatório. Servan estava na sala número 3, andando de um lado para outro pelo espaço exíguo quando Bosch abriu a porta.

— Senhor Servan, tudo bem com o senhor? Não deve demorar muito mais.

— Sim, ok, ok. Senhor encontra?

Ele apontou o saxofone. Bosch fez que sim.

— Isso veio da sua loja?

Servan examinou o instrumento e balançou a cabeça vigorosamente.

— Acho que sim, é.

— Tudo bem, então, vamos descobrir com certeza. Temos algumas coisas para resolver e depois voltamos a falar com o senhor. Quer um café ou usar o banheiro?

Servan declinou de ambos e Bosch o deixou ali. Quando chegou à mesa de homicídio começou a procurar por Quentin McKinzie, dando buscas nos bancos de dados do Departamento de Veículos, do registro eleitoral e do índice criminal do FBI. Obteve um boletim de detenções por drogas em Los Angeles nas décadas de 1970 e 1980, mas nenhum endereço e nada que fornecesse uma pista de seu atual paradeiro.

Braxton apareceu e largou três pastas finas sobre sua mesa. Bosch lhe disse para pegar a foto de Monty Kelman que haviam puxado do computador e mostrá-la a Servan, para ver se reconhecia Kelman como um frequentador regular da loja, passando-se por cliente.

Depois que Braxton saiu, Bosch passou a examinar os boletins de ocorrência dos roubos, começando pela primeira invasão da Três Reis. Folheou rapidamente as páginas até chegar ao inventário das posses roubadas. Não havia nenhum saxofone na lista. Passou os olhos pelos itens listados e concluiu que tudo se tratava de peças pequenas tiradas do mostruário iluminado.

Folheou de volta até o resumo, que fora redigido por Braxton. Ali dizia que o(s) suspeito(s) desconhecido(s) havia(m) arrombado a porta dos fundos para entrar no estabelecimento, depois esvaziado o mostruário contendo os itens de maior valor da loja. Braxton notou que o móvel tinha uma fechadura que fora aberta com a própria chave ou habilidosamente destrancada pelo ladrão.

Passou ao BO seguinte e localizou um saxofone listado no inventário de objetos roubados. O instrumento era descrito como um sax alto, mas não havia qualquer outra identificação e nada dizia sobre quem era o indivíduo que penhorara o saxofone. Leu o resumo e percebeu que era a mesma coisa do primeiro BO; o ladrão, ou ladrões, entrou pela porta dos fundos, abriu o mostruário e levou todos os artigos de grande valor. O saxofone parecia ter sido levado de última hora e Bosch sabia agora que isso era porque Monty Kelman sempre quisera aprender a tocar o instrumento.

O terceiro BO era a mesma coisa, com exceção do método de invasão. Dessa vez, com a porta dos fundos reforçada, o ladrão, ou ladrões, serrou o telhado de material sintético e desceu pela abertura. A



fechadura no mostruário foi aberta e as prateleiras, esvaziadas pela terceira vez.

As perdas dos três roubos davam uma média de 40 mil dólares cada. Servan tinha seguro — embora Bosch presumisse que os prêmios fossem progressivos. A maior parte dos itens roubados eram artigos à venda, significando que seus donos originais haviam deixado expirar o prazo da penhora e Servan passara a ser o proprietário.

Braxton surgiu do corredor do fundo e se aproximou da mesa de homicídio.

— É, ele reconhece o cara — disse. — Falou que apareceu na loja faz alguns dias. Olhou umas moedas no mostruário.

— Ele já tinha visto o sujeito antes disso?

— Acha que sim, mas não tem certeza.

— Mais alguém trabalha na loja além dele?

— Não, é um exército de um homem só. Seis dias por semana, das nove às seis. A velha história do imigrante trabalhador.

Bosch recostou em sua cadeira e alisou um lado do bigode com o polegar. Não disse coisa alguma. Depois de alguns momentos, Braxton cansou de esperar.

— Harry, em que mais você precisa de mim?

Bosch não ergueu o rosto.

— Hum, será que você pode voltar lá e perguntar para ele sobre o móvel?

— O móvel? Você quer dizer o mostruário?

— É, isso, pergunta se ele tem certeza de que trancou em todas as vezes. Em todos os roubos.

Ele podia perceber que Braxton continuava esperando junto à mesa.

— O que foi?

— Está me tirando de garoto de recados?

— Não, Brax, você é o cara em quem ele confia. Vai lá perguntar pra ele.

Bosch esperou, esfregando o bigode e pensando. Braxton não demorou.

— Disse que tem certeza absoluta que tranca o móvel. Mesmo quando abre a loja para trabalhar, fica trancado. Ele só destranca para pôr alguma coisa ali dentro ou tirar alguma coisa. Daí tranca de novo, toda vez. A chave fica com ele, o tempo todo. Não existe cópia.

— Então nosso cara usou ferramentas de abrir fechadura.

— É o que parece.

Bosch balançou a cabeça.

— Hum, mais uma coisa, Brax. O saxofone. Ele precisa manter um registro das penhoras, correto?

— Ele é obrigado a manter um registro e também a nos mandar sempre uma cópia atualizada. A equipe de penhora. Eles comparam inventários de penhora com BOs de posses roubadas. Você sabe, para ver se algum artigo bate.

Bosch esticou o braço e ergueu o saxofone da mesa.

— Então como eu posso descobrir quem pôs isso aqui no prego?

Braxton pareceu levemente surpreso.

— O que isso tem a ver com todo esse negócio?

— Nada, até onde eu sei. Mas quero descobrir quem penhorou isso.

— Não deve ser muito difícil. Os caras na equipe mantêm tudo separado por loja. Em caixas de

sapato. É só darem uma olhada na caixa da Três Reis. Dependendo de até onde pesquisarem, pode ser que esteja lá.

— O que ia funcionar melhor, se você ligasse pra eles ou se eu ligasse?

— Eles não vão gostar de uma coisa nem de outra, mas deixa que eu tento.

— Valeu, colega.

Bosch olhou seu relógio. Era quase meio-dia.

— E diz pra eles que a gente espera um retorno ainda hoje.

— Vou dizer, mas duvido que prometam alguma coisa. É véspera de Natal, Harry. As pessoas estão tentando chegar em casa cedo.

— Só fala que é importante.

— Pra você ou pro caso?

Bosch não respondeu e Braxton acabou voltando a sua mesa para fazer a ligação. Bosch leu outra vez os BOs dos roubos. Quando terminou, se levantou e seguiu pelo corredor do fundo que levava às salas de interrogatório. Em vez de entrar na 3, onde Servan estava, foi para a 4 e olhou pelo vidro espelhado para o penhorista. O homem estava sentado na mesa com os braços cruzados e os olhos fechados. Devia estar dormindo ou meditando. Talvez as duas coisas.

Saiu da sala e voltou para a mesa de homicídio. Sentou e pegou o sax outra vez. Sentia prazer em manusear o instrumento, o contato com o metal e o peso em suas mãos. Saber que aquilo podia produzir um som capaz de ecoar toda a tristeza e esperança da humanidade o deixava pensativo. Mais uma vez, lembrou-se do dia no navio. Sugar Ray balançando e gingando em *The Sweet Spot* e algumas outras músicas. Bosch se apaixonou pelo som naquele dia. Era como se viesse de algum lugar nas profundezas de si próprio. Nunca mais foi o mesmo desde então.

Emergiu de suas lembranças e foi até uma prateleira que ficava acima de uma fileira de arquivos. Pegou um volume dos manuais forenses e olhou o índice. Achou o que queria e abriu na página. Estava sentado, lendo o manual, quando seu celular tocou e o tirou do bolso. Era Edgar.

— Harry, estão encerrando por aqui. Quer que eu vá pra aí?

— Ainda não.

— Bom, o que a gente está fazendo?

— Não tinha nada no corpo, certo? Nenhuma ferramenta, nenhum instrumento de abrir fechadura.

— Exato. Já falei isso pra você.

— Acabei de ler os BOs dos três anteriores. Esse mostruário foi o alvo em todas as ocasiões. A fechadura foi aberta. Servan disse que estava sempre trancada.

— Bom, a gente não tem ferramenta de fechadura nenhuma por aqui, Harry. Acho que quem moveu o corpo pegou as ferramentas.

— Foi o Servan.

Edgar ficou quieto e então disse:

— Por que não desembucha logo, Harry?

Bosch pensou um momento antes de falar.

— Ele foi roubado três vezes em dois anos. Em todas as vezes o melhor mostruário foi aberto com ferramentas. É difícil operar um par dessas coisinhas usando luvas. Servan provavelmente sabia que o único momento em que esse cara tirava as luvas era para abrir a fechadura. Ferramentas de aço numa

fechadura de aço.

— Se ele pôs cento e dez volts naquela fechadura, pode ter parado o coração do cara.

— Não necessariamente. Eu estava aqui sentado lendo um dos manuais. Cento e dez pode parar o coração, mas tudo depende da amperagem. Tem uma fórmula. Alguma coisa a ver com resistência à carga. Sabe como é, tipo pele seca ou pele úmida, coisas assim.

— Esse cara tinha acabado de tirar a luva. Provavelmente as mãos estavam suando.

— Exato. Assim, se a resistência foi baixa e o Servan de algum modo ligou uma fiação cento e dez direto naquela fechadura, daí o tranco inicial pode ter contraído os músculos e feito com que nosso ladrão não conseguisse soltar a ferramenta. A eletricidade atravessa o corpo dele, chega ao coração, que entra em fibrilação ventricular.

— Fibrilação do ventrículo é causa natural, Harry.

— Não quando você usa cento e dez pra provocar uma.

— Então o negócio aqui é mais do que só homicídio. É premeditado.

— Quem vai decidir tudo isso é a Promotoria. A gente só tem que apresentar os fatos.

— Falando nisso, como passou pela sua cabeça tirar a meia dele e procurar a queimadura de saída?

— As queimaduras nos dedos. Eu vi e resolvi confirmar um palpite.

— Bom, eu diria que foi na mosca, parceiro.

— Dei sorte. Então agora você precisa examinar aquele mostruário e descobrir como ele fez a ligação. A perícia já foi?

— Ainda estão guardando as coisas.

— Fala pra eles levarem o móvel como evidência.

— O mostruário todo? Tem três metros.

— Fala pra eles que é pra levar. Você vai junto. O mostruário é fundamental. E diz que é pra tomar muito cuidado com o móvel.

— Eles vão precisar pedir uma picape da Serviços Especiais aqui.

— Não interessa. Liga pra eles já. Resolve aí.

Bosch fechou o celular e levantou da mesa. Foi pelo corredor que passava pela sala da guarda até o vestiário. Comprou dois pacotes de bolacha com recheio de manteiga de amendoim na máquina automática. Abriu um e comeu todos os quadrados enquanto voltava para a divisão de detetives. Enfiou o outro pacote no bolso, para mais tarde. Parou uma vez quando voltava para tomar um gole d'água no bebedouro.

Braxton estava a sua espera na mesa de homicídio, com uma folha de papel na mão.

— Você deu sorte — disse a Bosch quando este se aproximou. — O cara penhorou esse saxofone dois anos atrás, mas ainda tinham o recibo.

Passou a folha de papel para Bosch. Era uma fotocópia do recibo da penhora. Continha nome, endereço e números de telefone do cliente. O homem que pusera o saxofone de Quentin McKinzie no prego se chamava Donald Teed. Morava no Valley. Nikolai Servan lhe dera duzentos dólares pelo instrumento.

Bosch sentou e observou que Teed preencheria seu número comercial com um código de área 323 e um PABX em Hollywood. Isso talvez explicasse por que um sujeito que morava no Valley utilizara uma casa de penhores em Hollywood. Pegou o telefone e teclou o número comercial de Teed. Foi atendido na

mesma hora por uma voz feminina, que disse:

— Idade Esplêndida.

— Como é? — disse Bosch.

— Casa de Repouso Idade Esplêndida, em que posso ajudá-lo?

— ãhn, Donald Teed está internado aí?

— Internado? Não. Temos um Donald Teed que trabalha aqui. É ele que o senhor está procurando?

— Acho que sim. Ele está?

— Ele veio trabalhar hoje, mas não tenho certeza se está, no momento. É o zelador e tem vários serviços por aqui. Quem fala? É para internação?

Bosch sentiu as peças se encaixando. Decidiu arriscar.

— Sou amigo dele. Sabe me dizer se um outro amigo meu também está aí? O nome é Quentin McKinzie.

— Está, o senhor McKinzie é um paciente aqui. Do que se trata?

— Eu volto a ligar.

Bosch desligou e seu olhar pousou no saxofone.

NIKOLAI SERVAN ABRIU os olhos no instante em que Bosch passou pela porta. Bosch pôs o papel que trazia em cima da mesa e sentou na cadeira diante de Servan, cruzando os braços e apoiando os cotovelos na mesa, quase numa imagem espelhada do outro.

— Temos um empecilho, senhor Servan.

— Um empecilho?

— Um problema. Na verdade, mais de um. E o que eu queria fazer aqui é dar ao senhor a oportunidade de me dizer a verdade dessa vez.

— Eu não entende. Eu contei a verdade. Conte a verdade para senhores.

— Acho que deixou algumas coisinhas de fora, senhor Servan.

Servan cruzou as mãos sobre a mesa e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não, eu contei tudo.

— Vou avisá-lo sobre seus direitos agora, senhor Servan. Escute com atenção o que vou ler.

BOSCH LEU PARA SERVAN seus direitos no papel sobre a mesa. Então virou a folha e pediu ao penhorista que a assinasse. Deu-lhe uma caneta. Servan hesitou e pareceu reler vagorosamente o formulário, tudo outra vez. Então pegou a caneta e assinou. Bosch fez a primeira pergunta no instante em que a ponta da caneta se ergueu do documento.

— Certo, o que fez com as ferramentas de fechadura do assaltante, senhor Servan?

Servan manteve os lábios pressionados por um longo momento e então balançou a cabeça.

— Não compreende.

— Claro que entende, senhor Servan. Onde elas estão?

Servan apenas continuou a encará-lo.

— Ok — disse Bosch —, vamos tentar outra coisa. Conte para mim como o senhor ligou a eletricidade naquele mostruário.

Servan inclinou a cabeça uma única vez.

— Eu quer advogado agora — disse. — Por favor, eu quer advogado agora.

BOSCH ESTACIONOU DIANTE da Casa de Repouso Idade Esplêndida e desceu com o saxofone e o suporte. Escutou música natalina flutuando por uma janela aberta. Elvis Presley cantando *Blue Christmas*.

Pensou em Nikolai Servan passando a véspera do Natal e o feriado preso em Parker Center. Seria provavelmente a única cela de cadeia que veria.

O Gabinete da Promotoria não tomaria a decisão quanto a indiciá-lo ou deixá-lo em liberdade senão depois do Natal. E Bosch sabia que provavelmente seria a segunda opção. A instauração de um processo contra o dono da loja de penhores era repleta de dificuldades. Servan apelara para a Quinta Emenda e se fechara em copas. Buscas de uma tarde inteira em sua casa, carro, loja e lixeiras no beco dos fundos foram infrutíferas para descobrir as ferramentas de Monty Kelman ou o método pelo qual o mostruário fora preparado para desferir o choque fatal. Mesmo a causa da morte seria difícil de provar num tribunal. O coração de Kelman havia parado de bater. Muito provavelmente uma corrente elétrica causara a fibrilação ventricular, mas no julgamento um advogado de defesa poderia argumentar facilmente, e com grande probabilidade de sucesso, que as marcas de queimadura na mão e no pé da vítima eram inconclusivas, e possivelmente nem mesmo relacionadas à causa da morte.

E todos esses obstáculos eram café-pequeno em comparação com a dificuldade principal — a vítima era um ladrão em plena perpetração do crime. Incorrera em repetidas agressões contra o réu. Que júri daria a menor pelota se Nikolai Servan tivesse preparado uma armadilha para matar o sujeito? Provavelmente nenhuma, foi o que o promotor disse a Bosch e Edgar.

Bosch planejava voltar à casa de penhores na manhã seguinte. Em seu código de conduta pessoal, todo mundo importava ou ninguém importava. Isso incluía ladrões. Ele procuraria até encontrar as ferramentas de fechadura ou a ligação que Servan usara para assassinar Monty Kelman.

Quando se aproximou das portas de entrada do retiro, notou que não havia muita coisa ali parecendo particularmente esplêndida. Estava mais para uma estação terminal de aposentados e pessoas que não haviam planejado viver tanto quanto viveram. Quentin McKinzie, por exemplo. Poucos jazzistas e usuários de drogas chegavam tão longe. Ele provavelmente nunca imaginara que alcançaria essa quilometragem. Segundo a informação que Bosch puxou do computador, estava com 72 anos de idade.

Bosch entrou e se aproximou do balcão de recepção. O lugar cheirava como a maioria das casas de repouso que já visitara. Urina e podridão, o ponto final das esperanças e dos sonhos. Perguntou onde ficava o quarto de Quentin McKinzie. A mulher atrás do balcão olhou desconfiada para o saxofone que Bosch trazia sob o braço.

— O senhor tem hora marcada? — perguntou. — As visitas da tarde são só com hora marcada.

— É pra dar tempo de vocês fazerem uma faxina no lugar antes de as crianças virem visitar o vovozinho querido?

— Como disse?

— Não preciso de hora marcada. Onde está o senhor McKinzie?

Segurou seu distintivo no alto, a trinta centímetros do rosto dela. A mulher ficou olhando por um longo momento — mais demorado do que o necessário para ler — e então pigarreou.

— Ele está no cento e sete. Pegando o corredor, do lado esquerdo. Deve estar dormindo.

Bosch acenou um obrigado e se enfiou pelo corredor.

A porta do quarto estava entreaberta. A luz estava acesa e Bosch pôde escutar sons de televisão

vindo de dentro. Bateu de leve e não obteve resposta. Vagarosamente, empurrou a porta e enfiou a cabeça ali. Viu um homem velho sentado na cadeira perto de uma cama. Uma televisão afixada no alto da parede oposta estava ligada. Os olhos do velho estavam fechados. Era esquelético e definhado, seu corpo ocupava apenas metade da cadeira. A pele preta parecia cinza e empoeirada. A despeito do rosto descarnado e da pele flácida pregueada sob o queixo, Bosch o reconheceu. Era Sugar Ray McK.

Entrou no quarto e contornou a cama calmamente. O homem não se mexeu. Bosch ficou imóvel por um momento, perguntando-se o que fazer. Decidiu não acordá-lo. Pousou o suporte do instrumento em um canto. Então acomodou o saxofone nele. Endireitou o corpo, deu outra olhada no jazzista adormecido e acenou com o queixo numa espécie de reconhecimento silencioso. Quando saía do quarto, esticou o braço e desligou a TV.

Ao chegar à porta, uma voz rouca o deteve.

— Ei!

Bosch virou. Sugar Ray estava acordado e fitando-o com olhos reumáticos.

— Você desligou minha TV.

— Desculpe, achei que estivesse dormindo.

Voltou pelo quarto e ergueu o braço para ligar a televisão outra vez.

— Quem é você, rapaz? Você não trabalha aqui.

Bosch virou para encará-lo.

— Meu nome é Harry. Harry Bosch. Eu vim...

Sugar Ray notou o saxofone no canto do quarto.

— Esse é meu sax.

Bosch pegou o saxofone e deu para ele.

— Eu encontrei. Vi seu nome nele e queria devolver.

O homem segurou o instrumento como se fosse um recém-nascido precioso. Vagarosamente, virou-o nas mãos, examinando-o à procura de avarias ou talvez apenas querendo olhar para aquilo da maneira como olharia para um ente querido desaparecido por um longo tempo. Bosch sentiu um aperto em seu coração quando o músico levou o instrumento à boca, umedeceu a boquilha e a segurou entre os dentes. Seu peito inflou quando puxou o ar.

Mas quando seus dedos percorreram as chaves e ele soprou um riff, o sopro escapou pela pressão fraca que seus lábios exerciam em torno da boquilha. Sugar Ray fechou os olhos e tentou outra vez. O mesmo resultado saiu do instrumento. Estava velho e fraco demais. Não tinha mais pulmões. Não podia mais tocar.

— Tudo bem — disse Bosch. — Não precisa tocar. Só achei que o lugar dele era aqui com você, só isso.

Sugar Ray aninhou o instrumento em seu colo, como que para protegê-lo. Ergueu o rosto para Bosch.

— Onde conseguiu isso, Harry Bosch?

— Peguei de um cara que roubou numa casa de penhores.

Sugar Ray balançou a cabeça como se já soubesse da história.

— Roubaram de você? — perguntou Bosch.

— Não. Eu pedi para porem no prego. Um sujeito daqui fez isso pra mim, assim eu podia conseguir dinheiro para a TV. Não gosto de ficar na sala de recreação com os outros. São todos uns suicidas

esperando a hora certa. Então eu precisava da minha própria TV.

Balançou a cabeça de um lado para outro. Seus olhos se ergueram para a televisão na parede acima do ombro de Bosch.

— Imagine, um homem trocar o amor de sua vida por isso.

Bosch ergueu o rosto para a TV e viu um comercial onde Papai Noel tomava uma cerveja gelada após uma longa noite distribuindo presentes e alegria. Voltou a olhar para Sugar Ray. Não sabia se se sentia bem ou mal com o que fizera. Havia devolvido um instrumento para um músico que não podia mais tocá-lo.

Mas enquanto a indecisão oprimia seu peito, viu Sugar Ray puxar o saxofone para mais perto do corpo. Ele o segurou com força, como se fosse tudo que tivesse no mundo. Seu olhar cruzou com o de Bosch e então Harry viu que fizera a coisa certa.

— Feliz Natal, Sugar Ray.

Sugar Ray balançou a cabeça e olhou para o chão. Bosch percebeu que era hora de ir embora e deixá-lo em paz. Esticou o braço e apertou seu ombro por um momento.

— Por quê? — perguntou o saxofonista.

— Por que o quê?

— Por que está fazendo isso por mim? Resolveu bancar o Papai Noel ou qualquer coisa assim?

Bosch sorriu e agachou junto à cadeira. Agora fitava o velho diretamente nos olhos.

— Fiz isso para pagar uma dívida, eu acho.

O velho simplesmente olhou para ele, esperando.

— Em dezembro de 1969 eu estava em um navio-hospital no mar da China Meridional.

Bosch tocou o lado esquerdo do corpo, um pouco acima do quadril.

— Tinha me espetado numa armadilha de bambu em um túnel, quatro dias antes. Você provavelmente não se lembra disso, mas...

— O USS *Sanctuary*. Perto de Da Nang. Claro que eu lembro. Então você era um dos rapazes de roupão azul, hein?

Sugar Ray sorriu. Bosch fez que sim e continuou.

— Me lembro do anúncio de que o show tinha sido cancelado, porque o mar estava encrespado demais e a neblina era muito espessa. Os Hueys enormes, com todo o equipamento, não conseguiam aterrissar. A gente ficou esperando no convés, todo mundo. Vimos os helicópteros chegando no meio da névoa e daí simplesmente dando meia-volta e indo embora.

Sugar Ray ergueu um dedo.

— Sabe, foi o Bob Hope que disse para o nosso piloto fazer a volta outra vez e descer naquele barco.

Bosch concordou com a cabeça. Ouvira dizer que fora Hope. Um helicóptero fez meia-volta outra vez e voltou para o *Sanctuary*. O menor deles. Com os artistas principais.

— Lembro que eram Bob Hope, Connie Stevens, você e uma negra linda daquele programa de TV.

— Teresa Graves. *Laugh-In*.

— Cara, você não esquece nada.

— Só porque estou velho não quer dizer que não consigo lembrar. O homem que pisou na lua estava lá, também.

Bosch sorriu. Sugar Ray estava completando os detalhes que ele esquecera.

— Neil Armstrong, pode crer. Mas o resto da banda – os Playboys All Stars – estava nos outros helicópteros e eles voltaram para Da Nang. Era só você, levando seu sax. Você tocou pra gente. Solo.

Bosch olhou para o instrumento nas mãos cinzentas do velho. Lembrava-se daquele dia no *Sanctuary* tão claramente quanto se lembrava de qualquer outro momento em sua vida.

— Você tocou *The Sweet Spot* e depois *Auld Lang Syne*.

— Eu toquei a *Tennessee Waltz*, também. A pedido de um rapaz na primeira fileira. Ele tinha perdido as duas pernas e me pediu para tocar essa.

Bosch balançou a cabeça solenemente.

— Bob Hope contou piadas e Connie Stevens cantou *Promises, Promises*. A capela. Menos de uma hora depois tudo tinha terminado e o helicóptero fora embora. Cara, não consigo explicar, mas aquilo significou alguma coisa. Deu sentido pras coisas num mundo caótico, saca? Eu tinha só 19 anos e não tinha certeza de como nem por que fui parar lá. Enfim, já escutei muita música de sax depois disso, mas nunca escutei nada melhor.

Bosch fez que sim com a cabeça e se levantou. Seu joelho estalou audivelmente. Imaginou que não demoraria muito para estar num lugar como esse. Se tivesse sorte.

— Só queria dizer isso — falou. — Só isso.

— Você andava pelos túneis por lá, hein? Ouvi falar sobre eles.

Bosch concordou com a cabeça.

— Podiam ter usado você pra ir atrás desse tal de Bin Laden.

Apontou a TV, como se fosse ali que o terrorista estivesse.

Bosch balançou negativamente a cabeça.

— Nah, o esquema agora é diferente. Naquela época eles te davam uma lanterna e uma quarenta e cinco, diziam boa sorte e jogavam você no buraco. Agora é detector de som, de movimento, sensor de calor, infravermelho... o papo é bem outro.

— Pode ser. Mas um caçador é sempre um caçador.

Bosch o fitou por um momento antes de falar.

— Se cuida, Sugar Ray.

Foi na direção da porta e mais uma vez Sugar Ray o deteve.

— Ei, Papai Noel.

Bosch virou.

— Você tem cara de quem está sozinho no mundo — disse Sugar Ray. — Estou certo?

Bosch fez que sim sem titubear.

— Na maior parte do tempo.

— Tem algum compromisso para a ceia de Natal?

Bosch hesitou. Finalmente, balançou a cabeça.

— Compromisso nenhum.

— Então volta aqui às três, amanhã. A gente tem um jantar e eu posso levar um convidado. Vou dar o seu nome.

Bosch hesitou. Passara tantos natalis sozinho no passado que achava que talvez fosse tarde demais, que estar na companhia de alguém pudesse ser insuportável.



— Não se preocupe — disse Sugar Ray. — Ninguém vai bater seu peru no liquidificador se você ainda tiver os dentes.

Bosch sorriu.

— Tudo bem, Sugar Ray. Eu apareço.

— Certo, a gente se vê, então.

Bosch seguiu pelo corredor amarelado e saiu na noite. Quando ia para o carro, escutou melodias natalinas ainda tocando pela janela aberta em algum lugar. Música instrumental, lenta e carregada no saxofone. Parou e levou um momento para reconhecer como sendo *I'll Be Home for Christmas*. Ficou parado na calçada, escutando a canção chegar ao fim.

*O AUTOR GOSTARIA de agradecer de todo coração a John Houghton por contar e partilhar a experiência a bordo do USS Sanctuary que inspirou esta história.*

O CORPO MINÚSCULO da vítima foi deixado no espaço isolado de uma sala no pronto-socorro. Os médicos, após interromperem seus esforços de ressuscitação, haviam solenemente se retirado e fechado as cortinas plásticas em torno do leito. A razão de ser de todo o prédio e das pessoas que ali trabalhavam era impedir a morte. Quando o esforço fracassava, ninguém queria continuar olhando.

As cortinas eram opacas. Harry Bosch parecia um fantasma ao se aproximar e então separá-las para entrar. Permaneceu na área isolada, melancólico e sozinho, com o morto. O corpo do menino ocupava menos de um quarto da grande cama de metal. Bosch trabalhara em milhares de casos, mas nada mexia mais com ele do que a visão do corpo sem vida de uma criança. Um ano e três meses de idade. Os casos com crianças de menos de dois anos eram os mais difíceis. Ele sabia que se se demorasse tempo demais ali começaria a questionar tudo — do sentido da vida a sua missão neste mundo.

O menino parecia estar apenas adormecido. Bosch o examinou rapidamente, procurando hematomas ou qualquer sinal de acidente. A criança estava nua e descoberta, sua pele rosada como a de um recém-nascido. Bosch não viu nenhum sinal de trauma a não ser por um velho arranhão na testa do garoto.

Vestiu as luvas e com o maior cuidado moveu o corpo para verificá-lo de todos os ângulos. Sentiu o peito apertado quando fez isso, mas não encontrou nada que levantasse suspeitas. Quando terminou, cobriu o corpo com o lençol — não soube bem por quê — e voltou a sair pelas cortinas de plástico que ocultavam o leito.

O pai do menino estava numa sala de espera privativa no fim do corredor. Bosch iria falar com ele, mais cedo ou mais tarde, mas os paramédicos que haviam transportado o menino tinham concordado em esperar um pouco para dar seu depoimento. Bosch os procurou primeiro e encontrou os dois — um velho, um jovem; um mentor, o outro, aprendiz — sentados na sala de espera lotada do pronto-socorro. Convidou-os a sair dali, para que pudessem conversar em particular.

O calor seco do verão os golpeou assim que as portas de vidro se abriram, como se estivessem saindo de um cassino em Las Vegas. Afastaram-se para a lateral de modo a não serem incomodados, mas permaneceram à sombra do pórtico. Ele se identificou e lhes disse que precisaria dos relatórios escritos sobre a tentativa de resgate assim que estivessem terminados.

— Por enquanto, quero saber da ocorrência.

O mais velho falou. Seu nome era Ticotin.

— O guri já tinha entrado em parada cardiorrespiratória completa quando a gente chegou lá — começou. — A gente fez o que dava, mas o melhor era pôr logo ele no gelo e transportar pra cá; tentar trazer ele até aqui e ver o que os médicos conseguiam fazer.

— Você tirou a temperatura dele no local? — perguntou Bosch.

— A primeira coisa — contou Ticotin. — Quarenta e um e meio. Então você imagina que o guri devia estar aí pelos quarenta e dois, quarenta e três, antes da gente chegar. Não tinha como ele ter se recuperado disso. Não um menino pequeno daquele jeito.

Ticotin balançou a cabeça, como se estivesse frustrado por ter sido enviado para salvar alguém que não podia ser salvo. Bosch fez sinal de que compreendia enquanto pegava sua caderneta e escrevia a medição da temperatura.

— Sabe que horas eram? — perguntou.

— A gente chegou à meia-noite e dezessete, então eu diria que tirou a temperatura no máximo três minutos depois. É a primeira coisa a fazer. Esse é o protocolo.

Bosch fez que sim outra vez e escreveu o horário — meia-noite e vinte — ao lado da medição da temperatura. Ergueu o rosto e viu um carro se aproximando velozmente do estacionamento do pronto-socorro. O carro parou e seu parceiro, Ignacio Ferras, desceu. Ele fora direto à cena do acidente, enquanto Bosch seguira direto ao hospital. Bosch acenou. Ferras se aproximou com passadas ansiosas. Bosch sabia que tinha alguma coisa a relatar, mas não queria que fizesse isso na frente dos paramédicos. Ele o apresentou e depois rapidamente voltou a suas perguntas.

— Onde estava o pai quando vocês chegaram lá?

— O pessoal estava com o guri no chão, perto da porta dos fundos, onde ele tinha entrado com o menino. O pai meio que tinha desabado no chão do lado dele, gritando e chorando, como sempre acontece. Chutando o chão.

— Em algum momento ele disse alguma coisa?

— Não ali.

— Então quando?

— Quando a gente decidiu transportar e cuidar do garoto na ambulância, ele quis ir junto. A gente falou que não podia. Falou pra ele pedir para alguém do escritório levar.

— Que palavras ele usou?

— Ele disse assim, “Eu quero ir com ele. Quero ficar com meu filho”. Esse tipo de coisa.

Ferras balançou a cabeça, como que sofrendo.

— Em algum momento ele falou sobre o que tinha acontecido? — perguntou Bosch.

Ticotin olhou para o parceiro, que fez sinal de negativo com a cabeça.

— Não — disse Ticotin. — Não falou.

— Então como vocês ficaram sabendo do que tinha acontecido?

— Bom, inicialmente, a gente soube pelo rádio. Daí uma das pessoas que trabalhavam no escritório, uma mulher, contou pra nós quando a gente chegou. Ela acompanhou a gente até os fundos e explicou no caminho.

Bosch achou que isso era tudo que conseguiria tirar deles, mas então se lembrou de mais uma coisa.

— Por acaso vocês não fizeram uma medição da temperatura do ar por ali, fizeram?

Os dois paramédicos olharam um para o outro e depois para Bosch.

— A gente não pensou nisso — disse Ticotin. — Mas devia estar no mínimo uns trinta e cinco graus, com os ventos de Santa Ana soprando desse jeito. Não me lembro de um mês de junho tão quente assim.

Bosch se lembrou de um mês de junho que passara na selva, mas isso não vinha ao caso agora. Agradeceu os paramédicos e deixou que voltassem ao trabalho. Guardou sua caderneta e olhou para o parceiro.

— Ok, me fala sobre a cena — disse.

— A gente precisa indiciar esse cara, Harry — falou Ferras, com veemência.

— Por quê? O que você descobriu?

— Não é o que eu descobri. É porque era só uma criança, Harry. Que tipo de pai deixa isso acontecer? Como ele foi esquecer?

Ferras se tornara pai pela primeira vez seis meses antes. Bosch sabia disso. A experiência fizera

dele um expert em paternidade e toda segunda ele aparecia na sala do esquadrão com um novo punhado de fotos. Para Bosch, o menino parecia igual semana após semana, mas não para Ferras. Ele estava apaixonado pela coisa de ser pai, de ter um filho.

— Ignacio, você precisa separar seus sentimentos em relação a isso dos fatos e das evidências, entendeu? Você sabe disso. Calma.

— Eu sei, eu sei. É só que, como ele foi esquecer, sabe?

— É, sei, e vamos ter isso em mente. Então me diga o que você descobriu por lá. Com quem falou?

— A chefia.

— E o que ele disse?

— É uma mulher. A gerente do escritório. Disse que ele entrou pela porta dos fundos pouco depois das dez. Todos os corretores estacionam atrás e usam a porta dos fundos — é por isso que ninguém viu o menino. O pai entrou falando no celular. Depois desligou e perguntou se tinha algum fax para ele, mas não tinha nenhum. Então ele fez outra ligação e ela ouviu que ele estava perguntando onde estava o fax. Daí ele esperou o fax chegar.

— Esperou quanto tempo?

— Ela disse que não foi muito, mas o fax era a oferta por um imóvel. Então ele ligou para o cliente, a partir daí começou todo um vaivém de ligações e faxes e ele se esqueceu completamente do filho. Foram pelo menos duas horas, Harry. Duas horas!

Bosch quase podia partilhar de sua raiva paterna, mas já estava nesta vida de tira pelo menos duas décadas a mais que Ferras e sabia como se segurar, quando precisava, e quando soltar os demônios.

— Harry, tem mais uma coisa, também.

— O quê?

— O bebê, tinha alguma coisa errada com ele.

— A gerente viu a criança?

— Não, quer dizer, sempre teve. Desde que nasceu. Ela disse que era uma grande tragédia. O menino era deficiente. Cego, surdo, um monte de coisas erradas. Um ano e três meses de idade e não sabia andar nem falar, nem engatinhar. Só chorava muito.

Bosch balançou a cabeça enquanto tentava encaixar essa informação em todo o resto que sabia e acumulara. Nesse exato instante outro carro entrou a toda no estacionamento. Parou na vaga da ambulância diante das portas do pronto-socorro. Uma mulher desceu e entrou correndo no hospital, deixando o carro ligado e a porta aberta.

— Deve ser a mãe — disse Bosch. — Melhor a gente entrar.

Bosch começou a andar a passos rápidos na direção do pronto-socorro, seguido por Ferras. Cruzaram a sala de espera e pegaram um corredor até a sala privativa onde o pai fora deixado aguardando.

Ao se aproximar, Bosch não escutou gritos, choro ou socos autoinfligidos — os sons que não o teriam surpreendido. A porta estava aberta e quando entrou viu os pais do menino morto se abraçando, mas nem uma lágrima corria por seus rostos. A reação inicial de Bosch, nessa fração de segundo, foi de que via alívio em seus jovens rostos.

Eles se separaram quando viram Bosch entrar, seguido de Ferras.

— Senhor e senhora Helton? — perguntou.

Eles balançaram a cabeça em uníssono. Mas o homem corrigiu Bosch.

— Sou Stephen Helton e essa é minha esposa, Arlene Haddon.

— Sou o detetive Bosch, do Departamento de Polícia de Los Angeles, e esse é meu parceiro, detetive Ferras. Nossas condolências pela perda de seu filho. É o nosso trabalho agora investigar o falecimento de William e descobrir exatamente o que aconteceu com ele.

Helton assentiu enquanto a esposa se aproximou e afundou o rosto em seu peito. Algo tácito foi transmitido.

— Isso precisa ser feito agora? — perguntou Helton. — Acabamos de perder nosso lindo...

— Precisa, senhor, deve ser feito agora. Trata-se de uma investigação de homicídio.

— Foi um acidente — protestou Helton fracamente. — É minha culpa, mas foi um acidente.

— Ainda assim, é uma investigação de homicídio. Gostaríamos de falar com cada um em particular, sem as intrusões que ocorrerão aqui. Incomodam-se de nos acompanhar à central de polícia para colhermos seus depoimentos?

— A gente vai deixar ele aqui?

— O hospital está fazendo os arranjos necessários para que o corpo de seu filho seja encaminhado ao legista.

— Vão abrir o corpo dele? — perguntou a mãe, numa voz beirando a histeria.

— Vão examinar o corpo e depois determinar se uma autópsia é necessária — disse Bosch. — É uma exigência da lei que qualquer morte precoce fique sob a alçada do legista.

Ele esperou para ver se mais protestos se seguiriam. Quando não houve nenhum, recuou e fez um gesto para que deixassem a saleta.

— Vamos levá-los até Parker Center e prometo conduzir isso da maneira menos dolorosa possível.

PUSERAM OS PAIS ENLUTADOS em diferentes salas de interrogatório no terceiro andar da Especial de Homicídios. Como era domingo, a cafeteria estava fechada e Bosch teve de se virar com as máquinas automáticas no vão junto aos elevadores. Comprou uma lata de Coca e dois pacotes de bolachas de queijo. Não tinha tomado café da manhã antes de ser designado para o caso e agora estava faminto.

Comeu sem pressa enquanto conversava com Ferras sobre o procedimento. Queria que tanto Helton quanto Haddon acreditassem que estavam esperando enquanto o cônjuge era inquirido. Era um macete do ofício, parte da estratégia. Desse modo um ficaria imaginando o que o outro estava dizendo.

— Ok — disse Bosch finalmente. — Vou entrar lá e ficar com o marido. Você pode espiar da cabine ou tentar a sorte com a esposa. A escolha é sua.

Era um grande momento. Bosch tinha mais de vinte e cinco anos de dianteira na função, em relação ao parceiro. Era o mentor e Ferras, o aluno. Até lá, na incipiente parceria, Bosch não permitira que Ferras conduzisse uma entrevista formal. Estava deixando isso acontecer agora e a expressão no rosto de Ferras revelava que ele percebia a importância do momento.

— Você vai me deixar falar com ela?

— Claro, por que não? Pode cuidar do assunto.

— Tudo bem se eu entrar na cabine e assistir você com ele primeiro? Assim você pode me assistir.

— O que for melhor pra você.

— Obrigado, Harry.

— Não me agradeça, Ignacio. Agradeça a você mesmo. Fez por merecer.

Bosch jogou os pacotes de bolacha vazios e a lata num cesto de lixo perto de sua mesa.

— Me faz um favor — disse. — Dá uma olhada na internet antes e vê se o *L.A. Times* tem alguma matéria recente sobre um caso parecido. Sabe como é, com criança. Eu fiquei curioso e, se tiver, talvez a gente consiga usar a história para tentar alguma jogada. Usar como teatro.

— Eu vejo isso.

— Vou ligar o vídeo na cabine.

Dez minutos mais tarde Bosch entrou na sala de interrogatório número 3, na qual Stephen Helton estava à sua espera. Helton não parecia ter nem 30 anos de idade. Era magro e bronzeado e o protótipo perfeito do corretor de imóveis. Pelo jeito nunca tinha passado sequer cinco minutos numa central de polícia antes.

Ele protestou imediatamente.

— Por que está demorando tanto? Acabei de perder meu filho e vocês me seguram dentro dessa sala por uma hora? É esse o procedimento?

— Não demorou tanto assim, Stephen. Mas lamento que você tenha tido de esperar. Estávamos conversando com sua esposa e demorou mais do que a gente imaginava.

— Por que vocês estavam conversando com a minha esposa? Willy ficou comigo o tempo todo.

— Conversamos com ela pelo mesmo motivo que estamos conversando com você. Lamento pela demora.

Bosch puxou a cadeira do outro lado da mesa e sentou diante de Helton.

— Antes de mais nada — disse —, obrigado por comparecer à central. Deve compreender que não está sob voz de prisão nem nada assim. É livre para ir quando desejar. Mas por lei temos de conduzir uma investigação da morte e apreciamos sua cooperação.

— Só quero resolver logo isso para começar o processo.

— Que processo seria esse?

— Sei lá. Qualquer processo por que a pessoa passe. Pode acreditar, isso é novidade para mim. Sabe, o pesar, a culpa, o luto. Willy não estava em nossas vidas havia muito tempo, mas nós o amávamos muito. Isso é simplesmente horrível. Eu cometi um erro e vou pagar por isso pelo resto da minha vida, detetive Bosch.

Bosch quase lhe disse que seu filho pagou pelo erro com o resto da vida *dele*, mas preferiu não antagonizar o homem. Em vez disso, apenas concordou com a cabeça e observou que Helton permanecera de olhos baixos, o rosto voltado para o chão, enquanto dizia a maior parte dessas palavras. Desviar o olhar era um modo clássico de entregar falta de sinceridade. Outra bandeira era que Helton ficara com as mãos no colo e ocultas. Uma pessoa franca e sincera manteria as mãos sobre a mesa, à vista.

— Por que não começamos pelo início — sugeriu Bosch. — Conte como o dia começou.

Helton fez que sim e foi em frente.

— Domingo é nosso dia mais cheio. Nós dois somos corretores. Você deve ter visto as placas, Haddon e Helton. Somos a equipe principal da PPG. Hoje Arlene tinha uma casa aberta para visitaçã ao meio-dia e duas outras para mostrar antes disso. Então Willy ia ficar comigo. A gente perdeu outra babá na sexta e não tinha ninguém para ficar com ele.

— Como vocês perderam a babá?

— Ela foi embora. Todas vão. Willy era difícil... por causa da doença dele. Quer dizer, por que

cuidar de uma criança deficiente se outra pessoa com uma criança normal, saudável, vai pagar a mesma coisa? Conseqüentemente, a gente vive contratando babás.

— Então você ficou de cuidar do menino hoje enquanto sua esposa ia mostrar umas casas.

— Mas não era como se eu não estivesse trabalhando. Eu estava negociando uma venda que teria rendido trinta mil dólares em comissão. Era importante.

— É por isso que você foi até o escritório?

— Exato. A gente recebeu uma proposta e eu precisava dar uma resposta. Então aprontei Willy, pus ele no carro e fui trabalhar.

— Que horas foi isso?

— Mais ou menos quinze pras dez. Recebi a ligação da outra corretora lá pelas nove e meia. O comprador estava se fazendo de difícil para abaixar o preço. O tempo de resposta estava sendo determinado em uma hora. Então eu tinha que deixar meu comprador no aguardo, arrumar Willy e ir até lá para pegar o fax.

— Você tem fax em casa?

— Tenho, mas se o negócio saísse, a gente teria que se encontrar no escritório. A gente tem uma sala de reunião para assinatura e todos os formulários ficam lá. Minha pasta sobre a propriedade também estava na minha sala no escritório.

Bosch balançou a cabeça. Soava plausível, até certo ponto.

— Tudo bem, então você vai até o escritório...

— Exato. E acontecem duas coisas...

Helton expôs as mãos, mas somente para tampar o rosto e ocultar seus olhos. Uma entregada clássica.

— Que duas coisas?

— Recebi uma ligação no meu celular — da Arlene — e Willy dormiu na cadeirinha dele, no carro. Está entendendo?

— Me explique.

— Eu fiquei distraído com a ligação e não estava mais preocupado com Willy. Ele tinha dormido.

— Áhn-hã.

— Daí eu esqueci que ele estava lá. Deus me perdoe, mas eu esqueci que ele estava comigo!

— Compreendo. O que aconteceu em seguida?

Helton ocultou as mãos no colo outra vez. Olhou para Bosch brevemente e depois para a superfície da mesa.

— Parei o carro na minha vaga atrás da PPG e entrei. Eu continuava conversando com a Arlene. Um dos nossos compradores está tentando pular fora do contrato porque encontrou um negócio que achou mais interessante. Então a gente estava conversando sobre isso, sobre como resolver a situação, e eu estava no telefone quando entrei.

— Certo, entendo. O que aconteceu quando você entrou?

Helton não respondeu na mesma hora. Ficou ali olhando para a mesa como se tentasse lembrar, de modo a responder direito.

— Stephen? — insistiu Bosch. — O que aconteceu depois?

— Eu tinha instruído o corretor do comprador a me mandar a proposta por fax. Mas o documento não

tinha chegado. Então interrompi a conversa com a minha esposa e liguei para o corretor. Depois fui esperar perto do fax. Chequei meus bilhetes e retornei algumas ligações enquanto estava esperando.

— O que são seus bilhetes?

— Recados de telefone. Pessoas que veem nossas placas nos imóveis e ligam. Eu não ponho meu celular nem meu número residencial nas placas.

— Quantas ligações você retornou?

— Acho que só duas. Deixei recado em um e falei rapidamente com a outra pessoa. Meu fax chegou e era para isso que eu estava lá. Eu encerrei a ligação.

— Bem, e nesse ponto que horas eram?

— Não sei, umas dez e dez.

— Você diria que a essa altura ainda tinha consciência de que seu filho continuava dentro do carro, no estacionamento?

Helton não teve pressa em pensar numa resposta outra vez, mas falou antes que Bosch precisasse insistir.

— Não, porque se eu soubesse que estava no carro, não teria deixado ele lá, pra começo de conversa. Eu me esqueci dele quando ainda estava no carro. Está entendendo?

Bosch recostou em sua cadeira. Compreendesse ou não, Helton acabara de desviar de uma bala jurídica. Se tivesse admitido que conscientemente deixara o menino no carro — mesmo que planejando voltar dali a alguns minutos — isso teria sustentado com toda força uma acusação de homicídio culposo. Mas Helton lidara com a pergunta corretamente, quase como se já a esperasse.

— Ok — disse Bosch. — O que aconteceu em seguida?

Helton balançou a cabeça pensativamente e olhou para a parede lateral, como que olhando por uma janela para um passado que não podia mudar.

— Eu, ahn, fiquei envolvido no negócio — ele disse. — O fax chegou, liguei para o meu cliente e mandei uma contraproposta por fax. Também conversei bastante com o outro corretor. Pelo telefone. A gente estava tentando fechar o negócio e ao mesmo tempo precisava manter nossos clientes a par o tempo todo.

— Durante duas horas.

— É, demorou tudo isso.

— E quando foi que você lembrou que tinha deixado o William no carro no estacionamento, onde estava fazendo quase 35°C?

— Acho que foi assim; antes de mais nada, eu não sabia a temperatura. Faço minha objeção quanto a isso. Eu saí do carro lá pelas dez e não estava fazendo 35°C. Nem perto disso. Eu nem tinha ligado o ar condicionado no caminho para lá.

Havia uma completa ausência de remorso ou culpa no comportamento de Helton. Ele não estava mais nem tentando fingir. Bosch ficara convencido de que o homem não sentia qualquer amor ou afinidade por seu filho deficiente e agora morto. William era simplesmente um fardo com o qual tivera de lidar e desse modo podia facilmente ser esquecido quando coisas como os negócios, vender casas e ganhar dinheiro vinham em primeiro lugar.

Mas onde estava o crime nisso tudo? Bosch sabia que podia acusá-lo de negligência, mas os tribunais tendem a ver a perda de um filho como punição suficiente nessas situações. Helton e sua esposa



ficariam livres e com a boa imagem intocada, à vontade para seguir com suas vidas enquanto o pequeno William mofava no caixão.

Os sinais denunciadores sempre se encaixavam. Bosch instintivamente acreditava que Helton era um mentiroso. E começou a crer que a morte de William não fora acidental. Ao contrário de seu parceiro, que permitira que sua própria condição apaixonada de pai o levasse a tirar uma conclusão precipitada, Bosch chegara a essa dedução após observação e análise cuidadosas. Era hora de apertar Helton, de lançar a isca e ver se cometia algum engano.

— Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar ao seu depoimento? — perguntou.

Helton soltou um longo suspiro e balançou a cabeça vagarosamente.

— Essa é toda a triste história — disse. — Quisera Deus que nunca tivesse acontecido. Mas aconteceu.

Olhou diretamente para Bosch pela primeira vez durante todo o depoimento. Bosch devolveu o olhar e em seguida fez uma pergunta.

— Seu casamento é feliz, Stephen?

Helton desviou o rosto e voltou a olhar para a janela invisível.

— Como assim?

— Perguntei se o seu casamento é feliz? Você pode dizer “sim” ou “não”, se quiser.

— É, meu casamento é feliz — respondeu Helton enfaticamente. — Não sei o que minha esposa disse para vocês, mas eu acho que é bem sólido. O que você está tentando dizer?

— Só o que eu estou dizendo é que às vezes, quando existe uma criança que oferece desafios, é um estresse para o casamento. Meu parceiro acabou de ter um filho. O menino é saudável, mas o dinheiro está curto e a mulher dele ainda não voltou a trabalhar. Você sabe como é. É duro. Só posso imaginar como seria o estresse de ter um filho com as dificuldades de William.

— É, sei bem, a gente se vira.

— As babás que não paravam...

— Não era tão difícil. Assim que uma saía, a gente anunciava na Craigslist procurando outra.

Bosch balançou a cabeça e coçou a nuca. Enquanto fazia isso gesticulou com o dedo em um movimento circular, na direção da câmera que ficava no duto de ventilação na parede, atrás dele. Helton não pôde vê-lo fazendo isso.

— Quando vocês se casaram? — perguntou.

— Faz dois anos e meio. A gente se conheceu numa assinatura de contrato. Ela representava o comprador e eu o vendedor. Trabalhamos bem juntos. Começamos a conversar sobre unir forças e de repente a gente percebeu que estava apaixonado.

— Daí veio William.

— É, isso mesmo.

— Isso deve ter mudado as coisas.

— Mudou.

— Mas quando Arlene estava grávida os médicos não podiam prever que ele teria aqueles problemas?

— Podiam, se tivessem examinado. Mas a Arlene é workaholic. Estava ocupada o tempo todo. Ela perdeu consultas e ultrassons. Quando descobriram que tinha um problema, era tarde demais.

— Você culpa sua esposa por isso?

Helton pareceu consternado.

— Não, claro que não. Olha, o que isso tem a ver com o que aconteceu hoje? Quer dizer, por que está me perguntando tudo isso?

Bosch se curvou sobre a mesa.

— Pode ter muita coisa a ver com isso tudo, Stephen. Estou tentando determinar o que aconteceu e por quê. O *porquê* é a parte desagradável.

— Foi um acidente! Eu *esqueci* que ele estava no carro, ok? Eu vou morrer sabendo que *meu* erro matou meu próprio filho. Isso não é suficiente pra você?

Bosch recostou o corpo na cadeira e não disse nada. Esperava que Helton falasse mais.

— Você tem filhos, detetive?

— Tenho uma filha.

— É, bem, então lhe desejo um ótimo Dia dos Pais. Fico feliz por você. Espero que nunca tenha que passar pelo que estou passando nesse momento. Pode acreditar, não é nada agradável!

Bosch esquecera que era Dia dos Pais. O fato quebrou seu ritmo e seus pensamentos se dirigiram à filha, morando a 13 mil quilômetros de distância. Em dez anos só estivera com ela num único Dia dos Pais. O que isso dizia a seu respeito? Ali estava ele tentando penetrar nas ações e motivações de outro pai e ele sabia que as suas próprias não suportariam igual escrutínio.

O momento chegou ao fim quando alguém bateu na porta e Ferras entrou carregando uma pasta.

— Com licença — ele disse. — Achei que você podia querer ver isso.

Entregou a pasta para Bosch e saiu. Bosch colocou-a sobre a mesa e a abriu de modo que Helton não fosse capaz de ver o que continha. Dentro havia um papel com algo impresso do computador e um Post-it escrito à mão.

O bilhete dizia: “Nenhum anúncio na Craigslist.”

O papel impresso era uma matéria que saíra no *L.A. Times* dez meses antes. Era sobre a morte de uma criança que fora deixada num carro em Lancaster enquanto sua mãe entrava na mercearia para comprar leite. A mulher chegou durante um assalto. Foi amarrada junto com o funcionário da loja e colocada no quarto dos fundos. Os ladrões saquearam o estabelecimento e fugiram. Levou uma hora para as vítimas serem encontradas e soltas, mas a essa altura a criança no carro já sucumbira ao calor. Bosch passou os olhos rapidamente pela matéria e depois fechou a pasta. Olhou para Helton sem falar nada.

— O que foi? — perguntou Helton.

— Só alguma informação adicional e laudos de laboratório — mentiu ele. — Você lê o *L.A. Times*, a propósito?

— Leio, por quê?

— Só curiosidade. Voltando, quantas babás você acha que empregou nos quinze meses de vida de William?

Helton balançou negativamente a cabeça.

— Não sei. Pelo menos dez. Elas não ficam muito. Não aguentam o tranco.

— E daí você vai na Craigslist e põe um anúncio?

— Isso.

— E você acabou de perder uma babá na sexta?

— Isso, como eu disse.

— Ela simplesmente parou de ir?

— Não, conseguiu outra colocação e nos avisou que estava de saída. Inventou uma história sobre ficar mais perto de casa, os preços da gasolina e tudo mais. Só que a gente sabia por que ela estava saindo. Não aguentou cuidar do Willy.

— Ela avisou nessa sexta?

— Não, ela cumpriu o período de aviso prévio.

— Então quando foi isso?

— Duas semanas antes da sexta-feira?

— E vocês tinham uma nova babá em vista?

— Não, ainda não. A gente estava procurando.

— Mas você postou as chamadas e publicou o anúncio outra vez, esse tipo de coisa?

— Certo, mas escuta, o que isso tem a v...

— Deixa que eu faço as perguntas, Stephen. Sua esposa contou que ficava preocupada em deixar William com você, que você não conseguia lidar com o estresse.

Helton pareceu chocado. A acusação veio quando ele menos esperava, como fora a intenção de Bosch.

— O quê? Por que ela diria uma coisa dessas?

— Sei lá. É verdade?

— Não, não é verdade.

— Ela falou que estava preocupada de que não tivesse sido um acidente.

— Isso é o maior absurdo e duvido que ela tenha dito isso. É mentira sua.

Ele virou em sua cadeira, de modo que a parte frontal de seu corpo ficou apontada para o canto da sala e ele teria de virar o rosto para olhar diretamente para Bosch. Mais um sinal denunciador. Bosch sabia que estava chegando perto. Decidiu que era o momento certo para blefar.

— Ela mencionou uma matéria que você encontrou no *L.A. Times*, sobre uma criança que ficou trancada num carro em Lancaster. A criança morreu de calor. Ela ficou preocupada que isso tivesse dado a ideia a você.

Ele girou em sua cadeira e se inclinou para a frente a fim de pôr os cotovelos sobre a mesa e passar as mãos pelo cabelo.

— Ai, meu Deus, não acredito que ela...

Não terminou. Bosch sabia que seu blefe surtira efeito. A mente de Helton disparava na beira do precipício. Era hora de empurrá-la.

— Você não esqueceu que William estava no carro, não foi, Stephen?

Helton não respondeu. Enterrou o rosto nas mãos outra vez. Bosch se curvou para a frente de modo que tudo que tivesse a fazer fosse sussurrar.

— Você o deixou lá e sabia o que ia acontecer. Você planejou tudo. Por isso não se preocupou em publicar um anúncio para uma nova babá. Sabia que não ia precisar de uma.

Helton permaneceu em silêncio e imóvel. Bosch continuou em cima dele, mudando de tática e mostrando solidariedade, agora.

— É compreensível — falou. — Quer dizer, que tipo de vida aquela criança teria tido, afinal?

Alguns poderiam até chamar isso de morte misericordiosa. A criança pega no sono e nunca mais acorda. Já trabalhei nesse tipo de caso antes, Stephen. Não é um jeito ruim de morrer, na verdade. Soa cruel, mas não é. A pessoa simplesmente fica cansada e vai dormir.

Helton não tirou as mãos do rosto, mas balançou a cabeça. Bosch não sabia se continuava a negar ou se tinha mais alguma coisa para pôr para fora. Esperou e sua paciência foi recompensada.

— Foi ideia dela — disse Helton em voz baixa. — Era ela que não conseguia mais aguentar.

Nesse momento, Bosch percebeu que o tinha na palma da mão, mas não demonstrou. Continuou na ofensiva.

— Espera aí um minuto — exclamou. — Ela disse que não tinha nada a ver com isso, que foi ideia sua e plano seu e que quando ela ligou era pra tentar fazer você mudar de ideia.

Helton deixou cair as mãos, dando um tapa na mesa.

— Isso é mentira! Foi ela! Ela sentia vergonha de ter um filho daquele jeito! Não podia levar o menino para lugar nenhum, e a gente nunca podia sair! Ele estava destruindo nossa vida e ela me disse que eu tinha de fazer alguma coisa a respeito! Ela me disse como fazer! Disse que eu ia estar salvando duas vidas enquanto sacrificava uma.

Bosch recuou da mesa. Era isso. Estava terminado.

— Ok, Stephen, acho que eu entendo. E quero ouvir todos os detalhes. Mas nesse ponto preciso informar você sobre os seus direitos. Depois, se quiser falar, a gente conversa e eu escuto.

Quando Bosch deixou a sala de interrogatório, Ignacio Ferras estava ali à sua espera, no corredor. Seu parceiro ergueu o punho e Bosch e ele trocaram um leve soco de congratulações, punho contra punho.

— Isso foi lindo — comentou Ferras. — Você tirou ele pra dançar.

— Obrigado — disse Bosch. — Vamos torcer para que a Promotoria também fique impressionada.

— Acho que a gente não vai ter que se preocupar com isso.

— Bem, ninguém vai precisar se preocupar se você entrar na outra sala agora e dobrar a esposa também.

Ferras pareceu surpreso.

— Ainda quer que eu cuide da esposa?

— Ela é sua. Vamos entregar os dois de bandeja para a Promotoria.

— Vou fazer o melhor que posso.

— Ótimo. Vai verificar o equipamento para ter certeza de que ainda estamos gravando ali dentro. Preciso dar um telefonema rápido.

— Pode deixar, Harry.

Bosch foi até a sala do esquadrão e sentou em sua mesa. Olhou o relógio e sabia que estava cedo em Hong Kong. Pegou o celular mesmo assim e fez a ligação para o outro lado do Pacífico.

Sua filha atendeu com um alô animado. Bosch sabia que nem precisaria dizer alguma coisa e se sentiria renovado só com o som da voz dela dizendo uma palavra.

— Ei, querida, sou eu — ele disse.

— Pai! — ela exclamou. — Feliz Dia dos Pais!

E Bosch percebeu nesse momento que era de fato um homem feliz.

— ISSO É TUDO CULPA do Manson — afirmou Eckersly.

Bosch olhou de seu banco para o parceiro, sem saber muito bem o que ele queria dizer.

— Charles Manson?

— Você sabe, “Helter Skelter” e toda aquela merda — explicou Eckersly. — O pessoal continua assustado.

Bosch fez que sim, embora continuasse sem entender. Olhou pelo para-brisa. Iam na direção sul pela Vermont através de uma paisagem que lhe era pouco familiar. Era apenas seu segundo dia de experiência com Eckersly e seu segundo dia no serviço. Quase todos os bairros em Wilshire eram novidade para ele, mas isso não era problema. Eckersly vinha trabalhando como patrulheiro na divisão havia quatro anos. Ele conhecia o território.

— É só a pessoa não atender o telefone e lá no leste a outra fica achando que Lynette Squeaky e o resto das garotas do Charlie arrombaram a casa e fizeram picadinho de alguém ou qualquer coisa assim — continuou Eckersly. — A gente recebe um monte de ligações dessas, para “dar uma olhada na mulher”. Faz quase quatro anos e as pessoas continuam achando que L.A. está na mão dos loucos.

Bosch estivera do outro lado do mundo quando Manson e sua turma fizeram o que fizeram. Assim, ele não tinha muita clareza sobre o que os assassinos tinham feito com a cidade. Quando voltou do Vietnã, sentiu um nervosismo palpável em Los Angeles, que não estava presente quando partiu. Mas não sabia se isso era devido às mudanças por que *ele* passara ou pelas quais *a cidade* havia passado.

No sul de Santa Monica dobraram à esquerda na Fourth Street e Bosch começou a ler os números nas caixas de correios. Em alguns segundos Eckersly parou a viatura diante de uma casa térrea, com entrada lateral para a garagem de um carro só nos fundos. Ambos desceram, Bosch tirando seu cassetete do suporte de plástico na porta e enfiando-o no anel em seu cinto de equipamento.

— Ah, você não vai precisar disso — disse Eckersly. — A menos que queira usar para bater na porta.

Bosch voltou para o carro e guardou o bastão no lugar.

— Ah, para com isso — disse Eckersly. — Eu não falei pra você guardar. Só disse que não ia precisar.

Bosch se apressou para alcançá-lo no calçamento de pedra que levava à porta da frente. Andava com ambas as mãos no cinto. Ainda estava se acostumando ao peso e ao tamanho desajeitado do equipamento. Quando estava no Vietnã, seu trabalho fora entrar nos túneis. Tinha de manter o talhe o mais enxuto possível. Nada de cinto com parafernália. Carregava tudo de que necessitava — uma lanterna e uma quarenta e cinco — nas mãos.

Eckersly passara a guerra numa radiopatrulha. Era oito anos mais velho que Bosch e tinha esse mesmo número de anos na função. Era mais alto e mais pesado do que Bosch e carregava o peso e o volume do cinto de equipamento com a desenvoltura da prática. Sinalizou para Bosch bater na porta da frente, como se isso precisasse de treinamento. Bosch bateu três vezes com o punho.

— Desse jeito — corrigiu Eckersly.

Bateu rispivamente na porta.

— Polícia, senhora Wilkins, pode atender a porta, por favor?

Seu punho e sua voz tinham certa autoridade. Um tom. Era isso que ele estava tentando passar ao parceiro novato.

Bosch fez que sim. Compreendia a lição. Olhou em torno e viu que as janelas estavam todas fechadas, mesmo com a manhã agradável e fresca. Ninguém veio atender.

— Está sentindo o cheiro? — perguntou a Eckersly.

— Cheiro de quê?

A única área em que Bosch não precisava de qualquer treinamento de Eckersly era no cheiro da morte. Ele passara dois períodos de serviço na zona morta. Nos túneis, o inimigo punha seus mortos nas paredes. A morte estava sempre no ar.

— Tem alguém morto — disse Bosch. — Vou olhar nos fundos.

Desceu da varanda e seguiu pela entrada do carro que levava aos fundos. O cheiro estava mais forte ali. Para Bosch, pelo menos. O operador do rádio dissera que June Wilkins morava sozinha e não atendia as ligações de sua filha na Filadélfia havia sete dias.

Havia um pequeno quintal cercado, com um varal esticado entre a quina da garagem e a da casa. Umhas poucas peças pendiam do fio, duas anáguas de seda e outras roupas íntimas da mulher. Havia mais peças de roupa no chão, que caíram ou foram derrubadas pelo vento. À noite, costumava ventar forte. As pessoas nunca deixavam suas roupas no varal de um dia para o outro.

Bosch foi até a garagem primeiro e ficou na ponta dos pés para olhar por uma das duas vidraças altas na porta de madeira. Distinguiu a peculiar curvatura do teto de um fusca ali dentro. O carro e as roupas no varal pareciam confirmar o que o cheiro já lhe dissera. June Wilkins não saíra para viajar, e simplesmente esqueceu de avisar sua filha, no leste. Estava dentro de casa, esperando por eles.

Fez meia-volta na direção da casa e subiu os três degraus de concreto para a entrada dos fundos. A vidraça da porta permitia ver a cozinha e parte de um corredor que levava aos cômodos da frente. Nada parecia estar faltando. Ele também não viu nenhuma comida estragando sobre a mesa. Nenhum sangue no chão.

Então viu no piso, junto a uma lata de lixo, a tigela do cachorro com moscas esvoaçando sobre o amontoado apodrecido que havia ali dentro.

Bosch sentiu seus batimentos acelerarem. Tirou o cassetete e usou-o para bater no vidro. Aguardou, mas não ouviu resposta. Escutou seu parceiro bater na porta da frente outra vez e anunciar novamente que era a polícia.

Bosch experimentou a maçaneta na porta dos fundos e descobriu que estava destrancada. Abriu a porta vagorosamente e o odor exalou com uma intensidade que o fez recuar no alpendre.

“Ron!”, chamou. “Porta aberta nos fundos.”

Um instante depois pôde ouvir o equipamento de seu parceiro chacoalhando conforme ele se apressava em direção aos fundos, os passos pesados. Ele contornou a casa e chegou ao alpendre.

— Você... ai, merda! Puta cheiro podre! Péssimo sinal! A gente tem um presunto aí. — Bosch concordou com a cabeça. Sabia que o parceiro não estava falando de comida estragada.

— A gente vai entrar? — perguntou.

— Vai, melhor checar — disse Eckersly. — Mas espera aí um segundo.

Foi até o varal e puxou as duas anáguas. Jogou uma para Bosch.

— Usa isso — disse.

Eckersly segurou a anágua de seda contra sua boca e seu nariz e entrou primeiro. Bosch fez o mesmo e o seguiu.

— Vamos resolver logo isso — disse Eckersly, com a voz abafada.

Deslocaram-se com rapidez pela casa e encontraram o cadáver no banheiro do corredor. Havia uma banheira de ferro fundido, os pés em forma de garra, cheia até a borda com água escura, imóvel. Acima da superfície viam-se duas formas arredondadas, uma em cada ponta, com cabelos esparramados sobre a água. Moscas se agrupavam em cada uma como se fossem salva-vidas no mar.

— Empresta aí sua borracha — disse Eckersly.

Sem compreender o que ele pretendia fazer, Bosch tirou o cassetete do cinto e o entregou ao parceiro. Eckersly mergulhou uma ponta do bastão na água escura da banheira e cutucou a forma redonda no pé da banheira. As moscas se dispersaram e Bosch as espantou de seu rosto. O objeto na água perdeu o delicado equilíbrio e virou. Bosch viu os dentes afiados e o focinho de um cão subirem à superfície. Involuntariamente, deu um passo para trás.

Eckersly passou à forma seguinte. Cutucou-a com o cassetete e as moscas saíram voando furiosamente, mas o objeto na água não se moveu tão fácil. Não estava flutuando livre como o cachorro. Mergulhava fundo como um iceberg. Ele enfiou o cassetete mais um pouco e depois o ergueu. O rosto deformado e apodrecido de um ser humano surgiu na água. As feições miúdas e o cabelo longo sugeriam uma mulher, mas não dava para ter certeza, pelo que Bosch via.

O cassetete obtivera um ponto de apoio sob o queixo da pessoa morta. Mas em pouco tempo escorregou e o rosto submergiu outra vez. Uma ondulação negra chocou-se com a lateral da banheira e os dois policiais voltaram a recuar.

— Vamos cair fora daqui logo — disse Eckersly. — Ou esse cheiro nunca mais vai sair do nosso nariz.

Ele devolveu o cassetete para Bosch e passou rápido por ele e pela porta.

— Peraí um segundo — disse Bosch.

Mas Eckersly não esperou. Bosch voltou a virar para o cadáver e enfiou o cassetete na água escura outra vez. Ele o mergulhou na água até enganchar em alguma coisa, e então a puxou. As mãos da pessoa morta subiram à tona. Estavam atadas no pulso com uma coleira de cachorro. Devagar, deixou que submergissem outra vez.

Quando saíam da casa, Bosch carregou o cassetete a um braço de distância de seu corpo. No quintal, encontrou Eckersly parado junto à porta da garagem, inalando ar fresco. Bosch largou no varal a anágua que usara para respirar e foi até lá.

— Parabéns, recruta — disse Eckersly, usando a gíria do departamento para tira novato. — Seu primeiro presunto. Continue no emprego e será um de muitos.

Bosch não disse nada. Jogou o cassetete no gramado — planejava pedir um novo, agora — e tirou seus cigarros.

— O que acha? — disse Eckersly. — Suicídio? Ela levou o totó com ela?

— As mãos estavam amarradas com a coleira do cachorro — disse Bosch.

A boca de Eckersly se abriu um pouco, mas então ele se recuperou e voltou a assumir o papel de oficial de treinamento.

— Você não devia ter se metido a pescar ali dentro — disse, com ar desaprovador. — Suicídio ou homicídio, não é mais nossa preocupação. Vamos deixar que os detetives se encarreguem, daqui para a frente.

Bosch aquiesceu, arrependido, e concordando.

— O que eu não entendo — disse seu parceiro —, é como diabos você sentiu o cheiro lá da porta da frente?

Bosch encolheu os ombros.

— Estou acostumado, acho.

Apontou com o queixo para oeste, como se a guerra tivesse acontecido logo ali, do outro lado da rua.

— Acho que isso explica por que você não está pondo as tripas para fora — disse Eckersly. — Como qualquer novato devia estar fazendo bem agora.

— Acho que sim.

— Sabe de uma coisa, Bosch. Talvez você tenha faro para esse negócio.

— Pode ser.



HARRY BOSCH E SUA PARCEIRA, Kiz Rider, dividiam um cubículo no canto dos fundos da Unidade de Abertos/Não Resolvidos, em Parker Center. Suas mesas eram encostadas uma na outra, de modo que pudessem ficar de frente e discutir os casos sem precisar falar alto e incomodar os outros seis detetives no esquadrão. Rider estava em seu laptop, redigindo os relatórios de conclusão e o sumário do caso Verloren. Bosch lia as páginas empoeiradas de um fichário azul conhecido como *murder book*, um histórico minucioso do homicídio.

— Alguma coisa? — perguntou Rider sem tirar os olhos da tela.

Bosch estava examinando o *murder book* porque era o próximo caso em que iam trabalhar juntos. Não pegara um aleatoriamente. Envolvia o assassinato, em 1972, de June Wilkins. Bosch era um patrulheiro na época e completara apenas dois dias na função quando ele e seu parceiro descobriram o corpo da mulher morta na banheira. Junto com o cadáver de seu cachorro. Ambos tinham sido presos dentro da água até se afogar.

Havia milhares de homicídios não resolvidos nos arquivos do Departamento de Polícia de Los Angeles. Para justificar o tempo e o custo de montar uma nova investigação, tinha de haver um gancho. Algo que pudesse ser comparado nos bancos de dados forenses na busca por um resultado que batesse: impressões digitais, balística, DNA. Era isso que Rider estava perguntando. Ele encontrara um gancho?

— Ainda não — respondeu.

— Então por que você não para de fuçar nesse negócio e pula logo pro fim?

Ela queria que fosse direto para o relatório das evidências, no fim da pasta, e visse se havia alguma coisa que podia servir ao seu propósito. Mas Bosch não estava com pressa. Ele queria conhecer todos os detalhes do caso. Fora seu primeiro cadáver. Um de muitos que chegariam a ele no departamento. Só que não tomara parte na investigação. Era um patrulheiro novato, na época. Teve de observar os detetives trabalhando. Levaria anos pegando no batente antes de chegar sua vez de falar em nome dos mortos.

— Só quero ver o que fizeram — tentou explicar. — Ver como operaram. A maioria desses casos já deveria ter sido resolvida há muito tempo.

— Bem, você pode continuar só até eu terminar esse sumário — advertiu Rider. — Depois disso, é bom a gente cair matando em cima de alguma coisa, Harry.

Bosch soltou uma bufada fingida de indignação e virou uma larga seção de sumários e outros relatórios no fichário, para chegar logo ao fim. Então virou a aba marcada PERÍCIA e olhou o relatório do inventário de evidências.

— Ok, digitais latentes, está feliz?

Rider tirou os olhos de seu computador pela primeira vez.

— Isso pode servir — disse. — Tem ligação com o suspeito?

Bosch folheou de volta até o relatório de evidências para procurar o sumário designado às evidências específicas registradas no inventário. Achou uma explicação de um parágrafo dizendo que a impressão de uma palma fora localizada na parede do banheiro onde o corpo fora encontrado. Sua localização constava como sendo 1,68 metro do chão e 18 centímetros para a direita, a partir do centro do vaso.

— Bom...

— Bom o quê?

— É uma palma.

Ela resmungou.

Não era um bom gancho. Bancos de dados contendo impressões de palma da mão eram relativamente novos no uso da lei. Apenas na década anterior impressões de palma haviam sido seriamente coletadas pelo FBI e pelo Departamento de Justiça da Califórnia. Na Califórnia, havia aproximadamente 10 mil palmas arquivadas, por comparação com milhões de impressões digitais. O assassinato de Wilkins tinha 33 anos de idade. Quais as chances de a pessoa que deixara uma impressão de palma da mão na parede do banheiro da vítima ter deixado uma marca cerca de duas décadas mais tarde? Rider respondera isso com seu resmungo.

— Mesmo assim, vale uma tentativa — disse Bosch, otimista. — Vou entrar com o requerimento na DIC.

— Faça isso. Nesse meio tempo, assim que eu terminar aqui vou ver se consigo encontrar um caso com um gancho de verdade pra gente investigar.

— Vai com calma aí, Kiz. Eu ainda não descartei nenhum dos nomes do *book*. Me dá mais hoje com isso e depois a gente vê.

— Não é bom se envolver emocionalmente, Harry — ela respondeu. — A síndrome de *Laura*, sabe.

— Não é nada disso. Só estou curioso. Foi meio que meu primeiro caso.

— Não, não foi.

— Você sabe o que eu quero dizer. Me lembro de pensar que ela era uma mulher velha até os detetives me contarem os detalhes. Ela tinha só 46. Eu tinha a metade dessa idade, então achava que uma pessoa com 46 anos era velha e já vivera bastante. Não fiquei mal com isso.

— Mas agora fica.

— Quarenta e seis era nova demais, Kiz.

— Bem, você não vai trazer a mulher de volta.

Bosch concordou com a cabeça.

— Sei disso.

— Já viu o filme?

— *Laura*? Já, já vi. O detetive se apaixona pela vítima do homicídio. Você viu?

— Já, mas o filme não envelheceu muito bem. É meio que um homicídio na sala de estar. Gostei mais do filme parecido que o Burt Reynolds fez nos anos 1980. *Sharky's Machine*. Com a Rachel Ward. Você viu?

— Acho que não.

— Era com o Bernie Casey. Quando eu era adolescente achava ele um gato.

Bosch ergueu uma sobrancelha.

— Antes de eu mudar de time — ela disse. — Daí eu aluguei pra ver de novo faz um tempo e nem me liguei no Bernie. Fiquei vidrada na Rachel Ward.

Sua menção à questão da própria sexualidade criou um constrangimento entre os dois. Ela voltou a se concentrar no computador. Bosch baixou o rosto para o relatório de evidências.

— Bem, de uma coisa a gente sabe — ele disse depois de um tempo. — A gente está procurando um sujeito canhoto.

Ela virou e olhou para ele.

— Como você sabe disso?

— Ele usou a mão direita pra se apoiar quando usou a privada.

— E daí?

— Se fosse uma arma era a mesma coisa, Kiz. Ele fez mira com a esquerda porque é canhoto.

Ela balançou a cabeça com desprezo.

— Homens...

Ela voltou a trabalhar em seu computador e Bosch voltou ao *murder book*. Escreveu a informação que precisaria passar à seção de impressões latentes da Divisão de Investigação Científica para que um técnico procurasse a impressão da palma da mão em seus arquivos. Então perguntou a Rider se queria que lhe trouxesse da cafeteria um café ou um refrigerante quando voltasse de seu giro pelo prédio. Ela respondeu que não e ele saiu. Levou o fichário debaixo do braço.

BOSCH PREENCHEU OS FORMULÁRIOS de requerimento de comparação e os entregou para um técnico em impressão chamado Larkin. Era um dos mais velhos e tarimbados. Bosch o procurara antes e sabia que andaria rápido com o requerimento.

— Vamos torcer para tirar a sorte grande, Harry — disse Larkin quando pegava os formulários.

E sem dúvida havia sempre uma sensação de empolgação quando você inseria a impressão velha no computador e deixava rolar. Era como puxar a alavanca de um caça-níquel. A sorte grande era quando o novo dado inserido no arquivo morto batia com um antigo, o que eles chamavam de *cold hit*, no jargão policial.

Depois de sair do DIC, Bosch foi até a cafeteria para tomar um copo de café e terminar de ler o *murder book*. Para ele, era mais fácil fazer isso com o constante burburinho do lugar do que sendo interrompido a toda hora pelas perguntas de Kiz Rider.

Ele entendia o que passava pela cabeça de sua parceira. Ela queria escolher os casos de maneira distanciada dos milhares que estavam abertos. Sua preocupação era que, se fossem por um caminho em que Bosch estivesse exorcizando fantasmas ou escolhendo casos com ligações pessoais, eles se esgotassem rapidamente.

Mas Bosch não estava tão preocupado assim. Ele sabia que a paixão era um elemento-chave em qualquer investigação; era o combustível que mantinha sua chama viva. Assim, em todos os casos ele buscava deliberadamente a ligação pessoal ou, na falta dela, a indignação pessoal. Era o que o mantinha interessado e focado. Mas não tinha a ver com a síndrome de *Laura*. Não era o mesmo que se apaixonar por uma mulher morta. Ele estava apaixonado pela ideia de voltar no tempo e pegar o homem que a matara.

O ASSASSINATO DE JUNE WILKINS foi tão horrível quanto engenhoso. A mulher teve mãos e pés atados com a coleira e a correia do cachorro e foi afogada na banheira. O animal morreu da mesma forma. A autópsia não revelou quaisquer hematomas ou ferimentos sugestivos de luta. Mas análises com amostras de sangue e tecido, colhidas durante a autópsia, indicaram que a mulher fora paralisada com uma droga veterinária. Isso significava que provavelmente Wilkins estava consciente, mas incapaz de mover os músculos para lutar ou se defender quando foi submergida na água. Análises do sangue do cachorro encontrado na banheira revelaram que ele fora drogado com a mesma substância.

Uma investigação apropriada se seguiu ao homicídio, mas acabou não levando a nenhuma detenção ou identificação de um suspeito. June Wilkins morava sozinha. Era divorciada e tinha uma única filha, uma universitária da Filadélfia. June trabalhava como assistente de diretor de elenco num escritório em Hollywood & Vine, mas estava em férias de duas semanas no momento da morte.

Não se encontrou nenhum indício de que June tivesse algum relacionamento romântico ou que houvesse ressentimentos por alguma relação terminada. No entender dos vizinhos, conhecidos, colegas de trabalho e membros da família o amor de sua vida era o cachorro, um mini-poodle chamado Frenchy.

O animal fora também o centro de sua vida. Era de raça pura, e a única ocasião em que June Wilkins viajou, no ano anterior à sua morte, havia sido para comparecer a exposições caninas em San Diego e Las Vegas, nas quais Frenchy competiu. O segundo dormitório em sua casa fora convertido num salão de beleza canino, onde faixas de exposições anteriores adornavam os espelhos.

A investigação original foi conduzida pelos parceiros Joel Speigelman e Dan Finster, da Wilshire Division. Eles começaram com um foco amplo na vida de Wilkins e depois estreitaram no animal. O uso da droga veterinária por parte do assassino e a morte do cachorro sugeriam uma possível ligação com esse aspecto da vida da vítima. Mas essa via não demorou a dar num beco sem saída quando os detetives deixaram de encontrar qualquer indício de uma disputa ou dificuldade envolvendo Wilkins no mundo competitivo das exposições caninas. Descobriram que Wilkins era considerada uma novata inofensiva nesse meio e não só não era levada a sério pelos competidores como também era destituída de natureza competitiva. Os detetives também descobriram que Frenchy, embora de raça pura, não era do calibre dos cães campeões e as faixas que havia pela casa eram, na maioria, concedidas simplesmente pela participação, não por ter vencido.

Os detetives mudaram de teoria e passaram a considerar a possibilidade de que o assassino propositadamente houvesse desviado o foco da investigação para o ângulo da exposição canina. Mas como o ângulo correto nunca foi determinado, a investigação empacou. Os detetives nunca conseguiram ligar a impressão encontrada sobre o vaso sanitário a ninguém e na falta de quaisquer outras pistas sólidas o caso foi deixado na fila de espera. Isso significava que continuava na pilha sobre a mesa, mas os investigadores aguardavam pela revelação de algum fato novo — uma denúncia anônima, uma confissão ou até outro homicídio com método similar. Mas nada veio à tona e depois de um ano o caso deixou a mesa e foi parar nas prateleiras dos arquivos, onde ficou acumulando poeira.

Enquanto lia o fichário, Bosch escrevera uma lista de nomes das pessoas que haviam surgido na investigação. Eles incluíam membros da família, vizinhos e colegas de trabalho da vítima, bem como conhecidos que ela encontrara em serviços veterinários e nas exposições caninas que frequentara.

Na maioria dos casos, Speigelman e Finster haviam pedido data de nascimento, endereço e até número do Seguro Social, ao conduzir as inquirições. Era o procedimento operacional padrão. A meticulosidade deles na época ajudaria Bosch agora, ao submeter cada nome da lista ao computador criminológico.

Quando terminou de ler, Bosch fechou o *murder book* e olhou para sua lista. Havia anotado trinta e seis nomes para passar no sistema. Ele sabia que contava com esses nomes e a impressão da palma, praticamente mais nada. Também podia inserir “cloridrato de cetamina” no computador para ver se a substância surgira em mais investigações desde 1972.

Decidiu que se nada surgisse dos três ângulos de investigação, abandonaria o caso, admitiria a

derrota para sua parceira e passaria ao caso seguinte que apresentasse um gancho válido.

Quando terminava seu café, pensou sobre a impressão da palma da mão. Não houvera qualquer análise dela a não ser medir sua localização na parede e tê-la pronta para comparação com suspeitos que eventualmente surgissem na investigação. Mas Bosch sabia que representava mais do que isso. Se a impressão estava a 1,68 metro do chão, significava que provavelmente o homem que a deixara tinha no mínimo 1,80 metro. Ele chegou a essa conclusão porque sabia que se o suspeito se inclinara para a frente de modo a se apoiar enquanto urinava, provavelmente teria posto a mão na altura do ombro ou ligeiramente acima. Acrescente-se 30 centímetros de altura para o pescoço e a cabeça e o resultado é um homem com algo entre 1,88 e 1,98 de altura. Um homem alto, canhoto.

— Isso facilita bastante as coisas — resmungou Bosch consigo mesmo, notando o próprio sarcasmo.

Ele se levantou, jogou o copo no lixo e saiu da cafeteria. No elevador para o quinto andar, pensou nas vezes em que apoiara a mão na parede diante de um vaso. Quando estava bêbado, ou tonto de sono por ter acordado no meio da noite, ou sobrecarregado por alguma coisa além de uma bexiga cheia. Ficou pensando qual dessas condições teria sido a do homem alto e canhoto.

A maioria dos funcionários civis do departamento de polícia estava no quinto andar, junto com a Unidade de Abertos/Não Resolvidos. Ele passou pela porta da unidade e foi até o Departamento Pessoal. Pediu informações de contato de Speigelman, Finster e seu antigo parceiro, Eckersly. Em outra época esse tipo de informação estaria guardada a sete chaves. Mas, por ordens do Gabinete do Chefe de Polícia, detetives da Unidade de Abertos/Não Resolvidos tinham carta branca, pois era parte do protocolo investigativo contatar e obter depoimento dos investigadores originais de um caso que fora reaberto.

Eckersly, é claro, não era um dos investigadores originais. Apenas estivera presente na manhã em que encontraram a mulher na banheira. Mas Bosch achou que talvez valesse a pena tentar descobrir se ele se lembrava daquele dia e se tinha algum palpite para a nova investigação do caso. Bosch perdera contato com Eckersly após completar seu treinamento nas ruas e ter sido transferido para a Divisão de Wilshire. Presumia que o ex-parceiro não estivesse mais em ação e não se enganou. Eckersly se aposentara com vinte anos de folha de serviço e sua pensão era enviada à cidade de Ten Thousand Palms, onde era o chefe de polícia.

Boa jogada, pensou Bosch. Administrar uma força policial de cidade pequena no deserto californiano e receber a aposentadoria do DPLA como complemento. O sonho de qualquer tira.

Bosch notou também a coincidência entre Eckersly agora viver em uma cidade chamada Ten Thousand Palms e o fato de que estava tentando encontrar um ângulo de investigação num banco de dados com dez mil impressões de palmas.

RIDER NÃO ESTAVA quando Bosch voltou à unidade. Como não havia nenhum bilhete de explicação deixado em sua mesa, presumiu que simplesmente saíra para uma pausa. Sentou à mesa dela e olhou o laptop. Ela o deixara ligado, mas fechara todos os programas antes de ir. Bosch pegou a lista de nomes tirada do *murder book* e se conectou ao National Crime Index Computer. O detetive não possuía um computador próprio e não era lá muito ágil no uso da internet nem da maioria dos bancos de dados da lei. Mas o NCIC existia havia um bom tempo e ele sabia como pesquisar nomes ali.

Todos os 36 nomes em sua lista já teriam sido submetidos aos bancos de dados existentes em 1972 e descartados. O que ele procurava agora era se alguma dessas 36 pessoas fora presa por algum tipo de

crime significativo ou similar nos anos subsequentes ao assassinato de June Wilkins.

O primeiro nome que consultou resultou em inúmeras detenções por embriaguez ao volante. Isso não deixou Bosch particularmente animado, mas, mesmo assim, ele circulou o nome na lista e foi em frente. Nenhum resultado apareceu nos sete seguintes e ele os riscou. O nome depois desse rendeu um resultado de detenção por perturbação da paz. Bosch o circulou, só que mais uma vez não sentiu ainda a fígada do anzol.

O processo continuou, com a maioria dos nomes saindo limpos. Foi apenas quando digitou o vigésimo nono nome que Bosch olhou para a tela e sentiu uma onda de empolgação.

O nome era Jonathan Gillespie. Descrito no *murder book* como um criador de cães que vendia mini-poodles, em 1972. Ele vendera o cão Frenchy para June Wilkins dois anos antes do crime e fora interrogado por Speigelman e Finster quando os dois tentavam ligar o assassinato à questão das exposições caninas. Segundo os registros do NCIC, Gillespie foi preso sob acusação de estupro em 1981 e cumpriu seis anos na prisão. Era agora um delinquente sexual registrado no sistema e morando em Huntington Beach. Não houvera outras prisões desde 1981. Estava com 68 anos de idade.

Bosch sublinhou o nome na lista e escreveu o número do processo. Tinha um prefixo do DPLA. Embora quisesse começar imediatamente a trabalhar em cima de Gillespie, primeiro terminou de passar o resto dos nomes pelo banco de dados do NCIC. Obteve mais dois resultados positivos, um por embriaguez ao volante e outro por atropelamento e fuga do local do acidente. Circulou os nomes para se ater ao procedimento, mas não ficou empolgado com nenhum.

Antes de fazer o log off do NCIC, passou ao banco de dados de rastreamento criminal e digitou *cloridrato de cetamina* na caixa de pesquisa. Obteve diversos resultados, todos nos últimos quinze anos, e descobriu que a substância estava sendo usada cada vez mais como droga de estupro. Rolou os casos listados e não viu nada que os ligasse a June Wilkins. Saiu do banco de dados para começar a procurar Jonathan Gillespie.

Casos arquivados de 1981 tinham ido parar em microfichas e o departamento estava lentamente retrocedendo no tempo e inserindo informações de casos no banco de dados computadorizado do departamento. Mas 1981 era longe demais. O único jeito de procurar o caso de agressão sexual que levava Gillespie à prisão seria checar os arquivos de registros, que estavam guardados em Piper Tech, as instalações de armazenamento e base aérea do esquadrão que ficavam perto do centro.

Bosch foi para seu lado da mesa e escreveu um bilhete a Rider, dizendo-lhe que encontrara um ângulo quente e que ia investigá-lo em Piper Tech. O telefone em sua mesa começou a tocar. Ele finalizou o bilhete e atendeu conforme se levantava para esticar o braço e pôr o bilhete na mesa de Rider.

— Abertos/Não Resolvidos, Bosch falando.

— Harry, aqui é o Larkin.

— Eu já ia ligar.

— Sério? Por quê?

— Tenho um nome pra você.

— Gozado, e eu tenho um pra você. Encontrei um positivo pra sua palma e você não vai gostar disso.

— Jonathan Gillespie.

— O quê?

— Jonathan Gillespie.

— Quem é esse?

— Não é ele seu positivo?

— Nada disso.

Bosch voltou a sentar. Puxou um bloco de anotações sobre sua mesa e se preparou para escrever.

— Quem apareceu pra você?

— A impressão era de um dos nossos. O cara deve ter deixado quando estava na cena do crime.

Lamento por isso.

— Quem é?

— O nome é Ronald Eckersly. Trabalhou com a gente de 1965 a 1985, daí se desligou.

Bosch quase não escutou mais nada que Larkin disse.

— ...mostra que foi um tenente de patrulha até a aposentadoria. Você pode procurar o DP e conseguir uma localização atualizada, se precisar falar com ele. Mas pelo jeito o cara simplesmente fez merda e apoiou a mão na parede enquanto estava na cena. Naquela época eles não sabiam porra nenhuma sobre protocolo de cena de crime e alguns desses sujeitos... droga, faz uns vinte anos, eu estava procurando digitais numa cena de homicídio e um dos detetives que tinha ficado ali a noite toda começou a fritar um ovo na cozinha do morto. Ele falou: “Ele não vai sentir falta e eu estou morrendo de fome.” Dá pra acreditar nisso? Então, não faz diferença, por mais que você tente enfiar na cabeça deles que não é pra mexer...

— Obrigado, Larkin — disse Bosch. — Preciso ir.

Bosch desligou, pegou o bilhete na mesa de Rider e o amassou. Tirou seu celular do cinto e ligou para o de Rider. Ela atendeu na mesma hora.

— Onde você está? — perguntou Bosch.

— Tomando um café.

— Quer dar uma volta?

— Estou com o sumário do caso para acabar. Uma volta onde?

— Ten Thousand Palms.

— Harry, isso não é uma volta. Isso é uma viagem. É no mínimo uma hora e meia pra ir e mais uma hora e meia pra voltar.

— Pede um café pra viagem pra mim. Estou descendo.

Desligou antes que ela pudesse protestar.

NO CAMINHO, BOSCH CONTOU a Rider sobre o que conseguira no caso e como a impressão levava a seu antigo parceiro. Depois falou a respeito da manhã em que ele e Eckersly haviam encontrado a mulher na banheira. Rider escutou sem interromper, e no fim tinha só uma pergunta.

— Isso é importante, Harry — disse ela. — Você está lidando com suas lembranças e sabe por experiência, das investigações, como a memória pode ser enganadora. Estamos falando de trinta e três anos atrás. Tem certeza de que não houve um momento em que Eckersly encostou a mão sem querer na parede?

— Sei, como se ele pudesse ter se apoiado na parede pra dar uma mijada sem que eu percebesse.

— Não estou falando de dar uma mijada. Não pode ter acontecido de ele apoiar a mão na parede quando vocês encontraram o corpo, ter sentido ânsia ou enjoo e encostado na parede para se equilibrar?

— Não, Kiz. Eu fiquei junto com ele naquele banheiro o tempo todo. Ele falou, “Vamos sair logo

daqui”, e *ele* foi o primeiro a sair. Não voltou mais. A gente chamou os detetives e depois ficou do lado de fora, mantendo os vizinhos afastados quando apareceram.

— Trinta e três anos é tempo pra burro, Harry.

Bosch esperou um momento antes de responder.

— Sei que isso parece triste e meio doentio, mas o primeiro cadáver é como o primeiro amor. Você se lembra dos detalhes. Além do mais...

Ele não terminou.

— Além do mais o quê?

— Além do mais minha mãe foi assassinada quando eu era criança. Acho que é por isso que entrei pra polícia. Então encontrar aquela mulher, logo no meu segundo dia no emprego, foi meio como encontrar minha mãe. Não sei explicar. Mas o que posso dizer é que me lembro de quando estive naquela casa como se fosse ontem. E Eckersly não encostou em nada ali, muito menos pôs a mão na parede perto da privada.

Agora ela ficou em silêncio por um longo momento antes de responder.

— Tudo bem, Harry.

TEN THOUSAND PALMS ficava nos arredores de Joshua Tree. A viagem foi tranquila e os detetives estacionaram na vaga de visitantes diante da minúscula central de polícia pouco antes de uma hora. Os dois haviam conversado sobre como iam lidar com Eckersly na última meia hora do trajeto.

Entraram e perguntaram a uma mulher sentada atrás do balcão de recepção se podiam falar com Eckersly. Exibiram o distintivo e disseram a ela que eram da Unidade de Abertos/Não Resolvidos. A mulher pegou o telefone e comunicou a informação a alguém na outra ponta. Antes que desligasse, uma porta atrás dela se abriu e lá estava Ron Eckersly. Estava mais encorpado, e sua pele agora exibia um marrom curtido do deserto. Não perdera nada do cabelo, que era curto, prateado. Bosch não teve a menor dificuldade em reconhecê-lo. Mas, aparentemente, ele não reconheceu Bosch.

— Detetives, vamos lá — chamou.

Segurou a porta e os dois entraram na sala. Ele usava um paletó azul com gravata marrom sobre uma camisa branca. Não pareceu a Bosch que tivesse uma arma no cinto. Talvez em uma pequena cidade do deserto isso não fosse necessário.

A sala era um espaço exíguo com memorabilia do DPLA e fotografias na parede atrás da mesa. Rider se apresentou e apertou a mão de Eckersly, depois Bosch fez a mesma coisa. Houve uma hesitação no gesto de Eckersly e então Bosch percebeu. Instintivamente, ele percebeu. Estava segurando a mão do assassino de June Wilkins.

— Harry Bosch — disse Eckersly. — Você foi um dos meus recrutas, correto?

— Isso mesmo. Comecei no trabalho em 1972. Fizemos a patrulha da Wilshire durante nove meses.

— Imagina só, um dos meus recrutas voltando a me procurar.

— Na verdade, queremos conversar sobre um caso de 1972 — disse Rider.

Como planejado, ela assumiu a dianteira. Ambos sentaram e Bosch mais uma vez tentou determinar se Eckersly estava armado. Não havia nenhuma saliência marcante sob o paletó.

Rider explicou o caso para Eckersly e o lembrou de que ele e Bosch foram os patrulheiros que encontraram o corpo. Perguntou se tinha alguma recordação do caso.

Eckersly recostou em sua cadeira, o paletó caindo para os lados e não revelando nenhum coldre ou



arma em sua cintura. Procurou uma resposta no teto. Como não encontrou, curvou-se para frente e balançou a cabeça.

— Nada me vem à cabeça, detetives — disse. — E não sei muito bem se entendo por que vocês dois viajariam de tão longe para perguntar a um velho cão de patrulha sobre um presunto. Imagino que a gente entrou e depois saiu, e limpou a área pros detetives. Não é isso mesmo, parceiro?

Olhou para Bosch, sua última palavra um lembrete de que um dia haviam protegido a retaguarda um do outro.

— Isso, a gente entrou e saiu.

— Mas temos informação – recém-revelada – de que o senhor ao que parece tinha relação com a vítima — disse Rider, casualmente. — E que essa relação não veio à luz durante a investigação inicial.

Eckersly a fitou intensamente, perguntando-se como interpretar a situação. Bosch sabia que esse era um momento crucial. Se Eckersly fosse cometer um erro, seria agora.

— Que informação? — perguntou Eckersly.

— Não estamos autorizados a discutir isso, chefe — respondeu Rider. — Mas se tem alguma coisa a nos dizer, pode dizer agora. Seria melhor para o senhor esclarecer isso antes que avancemos ainda mais.

O rosto de Eckersly se abriu num sorriso e ele olhou para Bosch.

— Isso é uma piada, certo? Bosch, você combinou com ela de armarem isso, certo?

Bosch balançou a cabeça.

— Piada nenhuma — disse Bosch. — O senhor está numa situação delicada aqui, chefe.

Eckersly balançou a cabeça, como se não compreendesse a situação.

— Você disse Abertos/Não Resolvidos, certo? Isso é negócio de arquivo morto. DNA. É caso de DNA?

Bosch sentiu as peças se encaixando. Eckersly cometera o desliz. Ele mordera a isca e agora tentava pescar alguma informação. Não era o que um homem inocente teria feito. Rider também sentiu. Ela se curvou sobre a mesa.

— Chefe, o senhor se incomoda de eu adverti-lo sobre seus direitos antes de prosseguirmos?

— Ah, vamos lá — protestou Eckersly. — Não podem estar falando sério. Que relação?

Rider leu para Eckersly os usuais direitos de Miranda de um cartão que tirou do bolso em seu paletó.

— Chefe Eckersly, o senhor compreende seus direitos, os quais acabei de ler?

— Claro que entendo. Sou policial faz quarenta anos. Que diabos está acontecendo aqui?

— O que está acontecendo é que estamos dando ao senhor a oportunidade de explicar a relação que o senhor tinha com essa mulher. Se decidir não cooperar, a situação pode se complicar para o seu lado.

— Já falei para vocês. Não tive relação *nenhuma* e não podem provar o contrário. Aquele corpo tinha ficado na banheira durante uma semana. Pelo que fiquei sabendo, praticamente se desmanchou quando estavam tirando dali. Vocês não têm nenhum DNA. Ninguém nem mesmo tinha ouvido falar de DNA naquele tempo.

Rider relanceou Bosch rapidamente e essa era sua deixa para entrar, se quisesse. Ele quis.

— O senhor cobriu a Wilshire por quatro anos antes daquela manhã — disse Bosch. — Por acaso a conheceu em alguma patrulha? Quando estava levando o cachorro pra passear? Onde vocês dois se conheceram, chefe? O senhor me contou que vinha trabalhando sozinho por quatro meses antes de me colocarem no carro. Foi nessa época que a conheceu?

Eckersly agarrou furiosamente o telefone em sua mesa.

— Eu ainda conheço gente em Parker Center. Vamos ver se estão sabendo do que vocês dois andam aprontando. Aparecendo na *minha* sala pra me acusar dessa merda!

— Se for ligar pra alguém, é melhor ligar pro seu advogado — disse Bosch.

Eckersly bateu o telefone de volta.

— O que querem de mim? Eu não conhecia aquela mulher. Como você, eu a vi pela primeira vez quando estava boiando com o cachorro naquela banheira. A primeira e a última. E caí fora de lá o mais rápido que pude.

— E nunca voltou.

— Isso mesmo, recruta. Nunca voltei.

Pronto, era o fim da linha para ele.

— Então como uma impressão da palma de sua mão foi parar na parede em cima da privada?

Eckersly ficou paralisado. Bosch interpretou seu olhar. Estava se lembrando do momento em que pusera a mão na parede. Ele sabia que era o fim da linha.

Eckersly olhou pela única janela do escritório. Ficava à sua esquerda e oferecia uma vista do pátio de equipamento do corpo de bombeiros. Então voltou a olhar para Bosch e falou numa voz calma.

— Sabe quantas vezes eu me perguntei quando alguém como vocês ia aparecer por aqui... quantos anos estive esperando?

Bosch fez que sim.

— Deve ter sido um fardo — disse, sem simpatia.

— Ela queria mais, queria alguma coisa permanente — disse Eckersly. — Meu Deus, era quinze anos mais velha do que eu. Foi só diversão, mais nada. Mas daí ela ficou com uma ideia errada das coisas e quando eu falei a verdade disse que ia prestar queixa contra mim. Ia procurar o capitão. Eu era casado, na época. Não podia...

Não disse mais nada. Baixou o rosto. Estava olhando para a lembrança. Bosch foi capaz de juntar o resto da história. Eckersly bolara um plano para tirar a investigação do caminho, mandá-la na direção errada. Seu único erro foi o momento em que pôs a mão na parede acima do vaso sanitário.

— O senhor precisa vir com a gente agora, chefe — disse Rider.

Ela se levantou. Eckersly a fitou.

— Com vocês? — disse. — Não, não preciso.

Com a mão direita, puxou a gaveta da mesa a sua frente e rapidamente enfiou ali a mão esquerda. Quando a tirou, segurava uma pistola preta de aço, que levou ao pescoço.

— Não! — gritou Rider.

Eckersly pressionou o cano com força no lado esquerdo de seu pescoço. Posicionou a arma em ângulo para cima e puxou o gatilho. O contato da pistola com sua pele abafou o disparo. Sua cabeça jogou para trás e o sangue se espalhou pela parede de memorabilia policial atrás dele.

Bosch não se moveu em sua cadeira. Apenas observou tudo acontecer. Não demorou para que a mulher no balcão entrasse correndo, e ela gritou e levou as mãos à boca.

Bosch virou e olhou para Rider.

— Fez por merecer — disse.

LAURA JÁ ESTAVA ALUGADO na locadora Eddie's Saturday Matinee, então Bosch pegou *Sharky's*

*Machine*. Ele assistiu ao filme em casa nessa noite, tomando cerveja, comendo sanduíches de manteiga de amendoim e tentando manter a cabeça longe do que acontecera na sala de Eckersly. Não era um filme ruim, embora fosse bastante previsível. Burt Reynolds e Bernie Casey davam ótimos tiras e Rachel Ward era a garota de programa com um coração de ouro. Bosch viu o que Burt viu nela. Pensou que poderia facilmente se apaixonar por ela também. Garota de programa ou não, morta ou viva.

Perto do fim do filme, houve uma troca de tiros e Bernie Casey ficou ferido. Sangrando e sem balas, ele usou um mantra zen para se tornar invisível para o atirador que se aproximava.

Funcionou. O atirador passou direto por ele e Bernie viveu para contar. Bosch gostou disso. Depois do filme, foi o momento que mais ficou em sua cabeça. Ele desejava que houvesse um cântico zen que pudesse usar agora, de modo que Ronald Eckersly também simplesmente passasse batido por ele. Mas sabia que esse tipo de coisa não existia. Eckersly pegaria seu lugar com os outros que vinham à sua procura à noite. Os que não saíam de sua cabeça.

Bosch pensou em ligar para Kiz e lhe dizer o que achou do filme. Mas sabia que era muito tarde e ela ficaria irritada com ele. Então desligou a TV e apagou as luzes.